

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

**A CONSTRUÇÃO DE JOVENS SAUDÁVEIS NA FAMÍLIA CRISTÃ: EDUCAÇÃO
DOMÉSTICA E APOIO PASTORAL PARA FORMAÇÃO INTEGRAL**

Joelmir Lutero Pereira Rocha

SÃO PAULO

2026

Joelmir Lutero Pereira Rocha

**A CONSTRUÇÃO DE JOVENS SAUDÁVEIS NA FAMÍLIA CRISTÃ: EDUCAÇÃO
DOMÉSTICA E APOIO PASTORAL PARA FORMAÇÃO INTEGRAL.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito final no curso de Bacharel em Teologia da
Faculdade Teológica Batista de São Paulo

Orientadora: Prof. Dra. Liliâne Barros Oliveira Delorenzi

SÃO PAULO
2026

ROCHA, Joelmir Lutero Pereira. A construção de jovens saudáveis na família cristã: educação doméstica e apoio pastoral para formação integral. Joelmir Lutero Pereira Rocha. – São Paulo, 2026. 120 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Teologia) – Faculdade Teológica Batista de São Paulo, 2026.

1. Família cristã. 2. Juventude. 3. Educação doméstica. 4. Formação espiritual. 5. Igreja.
I. Título.

CDD 248.4

(Obs. Serviço disponível na Biblioteca)

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

Joelmir Lutero Pereira Rocha

A CONSTRUÇÃO DE JOVENS SAUDÁVEIS NA FAMÍLIA CRISTÃ:
EDUCAÇÃO DOMÉSTICA E APOIO PASTORAL PARA FORMAÇÃO
INTEGRAL

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Liliane Barros Oliveira Delorenzi – Orientadora

Prof. _____ – Leitor

Prof. _____ – Leitor

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar, à luz das Escrituras, os princípios que orientam a formação de jovens no contexto da família cristã, considerando também o papel complementar da igreja nesse processo. A pesquisa parte da constatação de que a juventude contemporânea enfrenta desafios relacionados à construção da identidade, à saúde mental e à definição de propósito de vida, evidenciados por dados de instituições como OMS, UNICEF e IBGE. Nesse cenário, o estudo, tendo como referencial teórico de estudo os autores Oliveira (2022), Mazzalla (2023), Martins Filho (2012) e Lopes (2024), busca compreender como a fragilidade das relações familiares, a influência da cultura digital e a ausência de referenciais consistentes impactam o desenvolvimento emocional e espiritual dos jovens. Por meio de uma abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e teológico-bíblica, são analisados textos das Escrituras que apresentam a família como a principal responsável pela formação moral e espiritual das novas gerações, com destaque para Deuteronômio 6:6–7, Provérbios 22:6 e Efésios 6:4. O trabalho também discute a crise da família moderna à luz do livro de Juízes, estabelecendo um paralelo com a descontinuidade na transmissão da fé e a desorientação moral observada na sociedade atual. Além disso, aborda aspectos da juventude contemporânea, como identidade, ansiedade, cultura digital, falta de orientação prática e crise espiritual, evidenciando a necessidade de processos formativos mais consistentes. Por fim, conclui-se que a reconstrução espiritual, por meio do fortalecimento da família, do discipulado e da atuação da igreja, é fundamental para a formação integral dos jovens.

Palavras-chave: Família cristã. Juventude. Formação espiritual. Educação doméstica. Igreja.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. FUNDAMENTOS E PROPÓSITOS BÍBLICOS DA FAMÍLIA	14
2.1 A FAMÍLIA COMO INSTITUIÇÃO DIVINA: PROPÓSITO E ESTRUTURA À LUZ DA BÍBLIA.....	14
2.2 A MISSÃO FORMATIVA DOS PAIS.....	17
2.3 RENÚNCIA, DISCIPLINA E SUBMISSÃO	20
2.4 A CRISE DA FAMÍLIA MODERNA À LUZ DO LIVRO DE JUÍZES.....	23
3. A JUVENTUDE CONTEMPORÂNEA: RETRATOS E RELATOS	27
3.1 IDENTIDADE, ANSIEDADE E CULTURA DIGITAL.....	27
3.2 FALTA DE ORIENTAÇÃO PRÁTICA: JOVENS COBRADOS, MAS NÃO ACOMPANHADOS.....	30
3.3 CRISE ESPIRITUAL E SAÚDE MENTAL: SOFRIMENTO HUMANO, FÉ CRISTÃ E CONFUSÃO TEOLÓGICA CONTEMPORÂNEA	33
4. ANÁLISE BÍBLICA DA FORMAÇÃO ESPIRITUAL DE JOVENS NO AMBIENTE FAMILIAR.....	36
4.1 METODOLOGIA DA PESQUISA	36
4.2 RECONSTRUÇÃO ESPIRITUAL	37
4.3 AMOR, AUTORIDADE E EDUCAÇÃO AFETIVA.....	40
4.4 A FORMAÇÃO DE JESUS NO AMBIENTE FAMILIAR: JOSÉ E MARIA NA CONSTRUÇÃO DE UMA JUVENTUDE SAUDÁVEL	42
4.5 ABRAÃO, SARA E ISAQUE: UM MODELO BÍBLICO DE FORMAÇÃO ESPIRITUAL NO AMBIENTE FAMILIAR.....	44
4.6 ZEBEDEU, SALOMÉ, TIAGO E JOÃO: JUVENTUDE, CONVIVÊNCIA FAMILIAR E AMADURECIMENTO NO DISCIPULADO	46
4.7 OUTROS EXEMPLOS BÍBLICOS DE FORMAÇÃO ESPIRITUAL NO AMBIENTE FAMILIAR.....	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
5. REFERÊNCIAS.....	56

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AT — Antigo Testamento

BLH — Bíblia na Linguagem de Hoje

CGI.br — Comitê Gestor da Internet no Brasil

COVID-19 — Doença do coronavírus 2019

ETEC — Escola Técnica Estadual

FATEC — Faculdade de Tecnologia

IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INEP — Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio
Teixeira

NVI — Nova Versão Internacional

NT — Novo Testamento

OMS — Organização Mundial da Saúde

PeNSE — Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar

PNAD — Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

UNESCO — Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a
Cultura

UNICEF — Fundo das Nações Unidas para a Infância.

1. INTRODUÇÃO

A formação de adolescentes e jovens tem se tornado um tema cada vez mais relevante no debate social, educacional e religioso contemporâneo. Diversos estudos indicam que uma parcela significativa da juventude enfrenta dificuldades relacionadas à construção da identidade, à estabilidade emocional e à definição de propósito de vida. Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2025) apontam que aproximadamente 1 em cada 7 adolescentes no mundo vive com algum transtorno mental, sendo a ansiedade e a depressão os problemas mais recorrentes nesse período da vida.

No Brasil, análises baseadas em dados do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF, 2021) indicam que cerca de 1 em cada 6 adolescentes apresenta sofrimento psicológico significativo, evidenciando que a juventude tem sido marcada por desafios emocionais que podem impactar a construção de projetos de vida. Além disso, levantamento realizado pelo UNICEF, em parceria com o Gallup (2021), indicou que apenas 31% dos jovens brasileiros acreditavam que o mundo estava se tornando um lugar melhor, o que significa que cerca de 7 em cada 10 não percebiam melhora no cenário global.

Considerando que os dados foram coletados no auge da pandemia da doença do coronavírus 2019 (COVID-19), esse resultado reflete um contexto marcado por crise sanitária, desigualdade social, mudanças climáticas e instabilidade econômica, contribuindo para um ambiente de incerteza que impacta a forma como os jovens percebem o futuro.

Transformações sociais e culturais também têm modificado profundamente o ambiente em que os jovens crescem. A presença constante da internet e das redes sociais amplia o número de influências que participam da construção da identidade juvenil. Estudos indicam que adolescentes passam, em média, mais de sete horas por dia conectados a dispositivos digitais (Common Sense Media, 2021), realidade que pode intensificar processos de comparação social, pressões psicológicas e inseguranças pessoais.

No campo religioso, pesquisa realizada pela *LifeWay Research* (2019) indica que aproximadamente 66% dos jovens que cresceram em ambientes cristãos se afastam da igreja em algum momento da juventude, especialmente entre o final da adolescência e o início da vida adulta. Esse dado revela desafios

importantes na transmissão intergeracional da fé e levanta questionamentos sobre os processos de formação espiritual nas comunidades cristãs.

Diante desse cenário, torna-se evidente a importância das instituições formadoras da vida humana, especialmente a família e a comunidade de fé. Peñaloza *et al.* (2023) aponta que jovens que recebem acompanhamento familiar consistente apresentam maior estabilidade emocional, menor envolvimento em comportamentos de risco e maior clareza na construção de seus projetos de vida.

No contexto cristão, a Bíblia apresenta a família como a primeira instituição responsável pela formação moral e espiritual das novas gerações, conforme evidenciado em textos como Deuteronômio 6:6–7, Provérbios 22:6 e Efésios 6:4. Nesse sentido, investigar a relação entre família, discipulado e formação espiritual torna-se relevante tanto para a reflexão teológica quanto para o fortalecimento das práticas educativas no contexto da igreja contemporânea.

Para alcançar os objetivos propostos, esta pesquisa delimita seu campo de análise à formação de adolescentes e jovens no contexto da família cristã e da comunidade de fé, especialmente no que se refere ao papel da educação doméstica e ao apoio pastoral da igreja local no processo de desenvolvimento humano e espiritual. O estudo não pretende abranger todas as dimensões sociológicas da juventude contemporânea, mas concentrar-se na análise de princípios e fundamentos bíblicos aplicados à formação integral dos jovens.

Outra delimitação importante refere-se ao ambiente formativo analisado. Esta pesquisa concentra-se no contexto do lar cristão, compreendido como o espaço primário de transmissão de valores, ensino da fé e formação do caráter, conforme apresentado nas Escrituras. Embora se reconheça a influência de fatores sociais, culturais e educacionais na formação da juventude, o estudo enfatiza especialmente o papel formativo dos pais e a dinâmica educativa desenvolvida no ambiente familiar.

Além disso, o trabalho considera o papel complementar da igreja local, especialmente por meio do ensino bíblico, aconselhamento pastoral e convivência comunitária, como elemento de apoio à formação espiritual das novas gerações. Contudo, não se propõe a analisar de forma abrangente todos os modelos de ministério juvenil ou estruturas eclesiais existentes, mas

compreender, à luz das Escrituras, de que maneira a igreja pode contribuir para o fortalecimento da educação cristã desenvolvida no ambiente familiar.

Por fim, o estudo também se delimita à análise de princípios formativos presentes nas Escrituras e de exemplos bíblicos que evidenciam a influência do ambiente familiar na formação espiritual das novas gerações. Serão considerados relatos como a formação de Jesus no contexto da família de José e Maria, a educação de Isaque no ambiente de fé de Abraão e Sara, a convivência familiar de Zebedeu, Salomé, Tiago e João no contexto do discipulado de Cristo, o desenvolvimento espiritual de Samuel na dedicação de Ana, bem como os casos de João Batista, Moisés e Timóteo, que revelam a importância da transmissão intergeracional da fé. Esses exemplos serão utilizados como referências para refletir sobre caminhos de fortalecimento da formação juvenil no contexto da família cristã.

A formação de jovens tem sido profundamente impactada por transformações sociais, culturais e familiares observadas nas últimas décadas. A desestruturação familiar, a crise de referenciais éticos e o enfraquecimento de valores espirituais têm contribuído para o surgimento de uma juventude marcada por insegurança emocional, dificuldades na construção de propósito de vida e fragilidade na transmissão de valores. Dados de instituições como IBGE (2014), UNESCO (2021) e UNICEF (2021) indicam que a vulnerabilidade emocional entre adolescentes e jovens tem crescido significativamente, estando frequentemente associada à ausência de referenciais familiares consistentes e à fragilidade de processos formativos no ambiente doméstico. Esses dados revelam desafios importantes na formação das novas gerações, especialmente no que diz respeito à construção de valores, à estabilidade emocional e à continuidade da fé no contexto contemporâneo.

Biblicamente, a família é apresentada como a primeira instituição responsável pela educação espiritual e moral das novas gerações, conforme evidenciado em textos como Deuteronômio 6:6–7 e Efésios 6:4. Entretanto, a crescente terceirização da formação — transferida para a escola, para os meios de comunicação e, em alguns casos, até mesmo para a própria igreja — tem contribuído para a formação de jovens com fragilidade na maturidade espiritual.

Diante desse cenário, torna-se necessária uma reflexão teológica e prática sobre o papel da educação doméstica na formação integral da juventude.

Compreender, à luz das Escrituras, como a família pode exercer seu papel formativo e como a igreja pode apoiar esse processo torna-se fundamental para enfrentar os desafios contemporâneos relacionados à formação dos jovens no contexto da fé cristã.

Nos contextos eclesiais contemporâneos, percebe-se que a juventude frequentemente é alvo de críticas relacionadas ao comportamento, à fé e ao envolvimento com a igreja, enquanto nem sempre recebe acompanhamento formativo consistente ou orientação adequada para lidar com os desafios do mundo atual.

Essa percepção despertou o interesse em investigar, à luz das Escrituras, o papel da família e da igreja na formação espiritual das novas gerações. Soma-se a isso a observação prática da realidade vivenciada por adolescentes e jovens em contextos familiares e comunitários, o que evidencia a necessidade de compreender de forma mais aprofundada os processos formativos que influenciam o desenvolvimento da juventude.

Dessa forma, esta pesquisa busca contribuir para a Teologia Prática e para a Educação Cristã, oferecendo reflexões e fundamentos bíblicos que auxiliem famílias e comunidades de fé no fortalecimento do processo formativo da juventude no contexto contemporâneo.

A juventude contemporânea enfrenta desafios relacionados à construção de propósito de vida, à consolidação de valores morais e espirituais e à formação de referenciais consistentes que orientem suas decisões. Diante desse cenário, torna-se relevante refletir sobre os processos formativos que influenciam o desenvolvimento juvenil, especialmente no contexto da família e da comunidade de fé.

Nesse sentido, estabelece-se como questão central desta pesquisa: de que maneira os princípios bíblicos podem orientar a formação de jovens no contexto da família cristã?

A partir dessa questão principal, o estudo busca responder às seguintes questões específicas:

- De que maneira as narrativas bíblicas apresentam modelos de formação familiar que contribuem para o desenvolvimento moral e espiritual das novas gerações?

- Como o ambiente familiar pode influenciar o desenvolvimento formativo dos jovens no contexto contemporâneo?
- De que forma a igreja pode atuar como apoio pastoral no fortalecimento da formação espiritual desenvolvida no lar?
- Quais princípios bíblicos podem orientar processos de formação que favoreçam o desenvolvimento integral da juventude?

A partir do problema apresentado, esta pesquisa tem como objetivo geral compreender de que maneira os princípios bíblicos podem orientar a formação de jovens no contexto da família cristã e da igreja local.

Para alcançar esse objetivo, estabelecem-se os seguintes objetivos específicos:

- a) Identificar, à luz das narrativas bíblicas, o papel formativo da família na transmissão da fé, no ensino de valores e na construção de referenciais espirituais no lar cristão;
- b) Analisar os desafios contemporâneos que impactam a formação dos jovens, considerando fatores como fragilidade das relações familiares, desestruturação emocional e influências socioculturais;
- c) Examinar de que maneira práticas bíblicas de discipulado no ambiente familiar podem contribuir para o fortalecimento espiritual e formativo das novas gerações.

A pesquisa será desenvolvida com abordagem qualitativa, utilizando o método teológico-bíblico como eixo central para a análise dos textos e princípios relacionados à formação espiritual no contexto familiar.

Serão analisadas narrativas bíblicas que evidenciam a influência do ambiente familiar na formação de líderes e jovens, tais como a formação de Jesus no contexto da família de José e Maria (Lucas 2:51–52), de Isaque no ambiente de fé de Abraão e Sara (Gênesis 22:1–14), de Tiago e João na convivência familiar com Zebedeu e Salomé no contexto do discipulado de Cristo (Mateus 4:21–22; Mateus 20:20–23), de Samuel na dedicação espiritual de Ana (1 Samuel 1:27–28), de Moisés na preservação realizada por seus pais Anrão e Joquebede (Êxodo 2:1–10) e de Timóteo na influência formativa de sua mãe Eunice (2 Timóteo 1:5). Esses textos serão examinados em seus contextos históricos, literários e teológicos, à luz de princípios hermenêuticos. O estudo fará uso de pesquisa bibliográfica e análise documental, com base em obras da

área de Teologia, Educação Cristã e Psicologia do Desenvolvimento, como Erik Erikson (1968) e Kroger, Martinussen e Marcia (2010), além de relatórios institucionais de órgãos como IBGE (2019), Abdala (2024), UNICEF (2021) e OMS (2021), a fim de promover diálogo entre fundamentos bíblicos e a realidade sociocultural da juventude contemporânea. Não haverá coleta de dados empíricos, caracterizando o trabalho como um estudo teórico fundamentado na análise sistemática das fontes.

Para a adequada compreensão da pesquisa, torna-se necessário explicitar alguns conceitos fundamentais. Neste estudo, o termo “família cristã” refere-se ao ambiente familiar orientado por princípios e valores presentes nas Escrituras, no qual os pais assumem a responsabilidade pela formação moral, espiritual e ética dos filhos, conforme evidenciado em textos como Deuteronômio 6:6–7, Provérbios 22:6 e Efésios 6:4.

A expressão “educação doméstica” refere-se ao processo formativo que ocorre no cotidiano do lar por meio da convivência familiar, do exemplo, do diálogo e da orientação oferecida pelos pais aos filhos, integrando valores espirituais à vida prática.

Por fim, o conceito de apoio pastoral da igreja refere-se ao papel exercido pela comunidade de fé no acompanhamento espiritual das famílias e na formação das novas gerações, por meio do ensino bíblico, aconselhamento pastoral e convivência comunitária. Nesse sentido, a igreja é compreendida como uma instituição que atua de maneira complementar à família no processo de formação espiritual e moral da juventude.

2. FUNDAMENTOS E PROPÓSITOS BÍBLICOS DA FAMÍLIA

2.1 A FAMÍLIA COMO INSTITUIÇÃO DIVINA: PROPÓSITO E ESTRUTURA À LUZ DA BÍBLIA

A Bíblia apresenta o ser humano como um ser criado para a convivência, e não para o isolamento. Essa afirmação aparece de maneira explícita no relato da criação, quando Deus declara: “não é bom que o homem esteja só” (Gênesis 2:18). Esse texto é teologicamente relevante porque antecede a queda narrada em Gênesis 3, demonstrando que a vida relacional não surge como solução para o pecado, mas como parte do projeto original da criação. Desde o início, Deus concebe a existência humana em termos comunitários, atribuindo à convivência um valor estrutural e formativo.

A resposta divina à solidão humana não se dá por meio da criação de uma instituição política, educacional ou econômica, mas pela constituição da família. Em Gênesis 2:24, lê-se que “o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e os dois se tornarão uma só carne”. Esse versículo estabelece a família como a primeira forma organizada de vida social, fundada em aliança, unidade e compromisso. A expressão “uma só carne” indica não apenas proximidade física, mas comunhão de vida, responsabilidade mútua e estabilidade relacional, elementos essenciais para a formação humana.

Nesse sentido, a família bíblica não pode ser reduzida a um simples arranjo afetivo ou a uma construção cultural moldada conforme preferências individuais. Embora o afeto seja importante, a Escritura apresenta a família como instituição criacional, dotada de forma, propósito e responsabilidades definidas. Conforme afirmam Edésio de Oliveira, Nivaldo Ferreira e Ruth Ferreira, “para além de uma função sociocultural e biológica, a família é um reflexo da Trindade, uma manifestação terrena da comunhão perfeita e eterna entre Deus Pai, Filho e Espírito Santo” (Oliveira *et al.*, 2024, p. 27). Essa afirmação insere a família no âmbito teológico, e não apenas sociológico.

A dimensão trinitária da família esclarece que o lar não é apenas espaço de convivência, mas ambiente formativo intencional. Assim como Pai, Filho e Espírito Santo vivem em perfeita comunhão, a família é chamada a refletir essa unidade no cotidiano. Ainda segundo os mesmos autores, “assim como os três operam em unidade, pais e filhos são chamados para conviverem em amor de

forma harmoniosa” (Oliveira *et al.*, 2024, p. 27). A convivência familiar, portanto, carrega um compromisso espiritual que envolve ensino, limites, cuidado e responsabilidade.

Essa compreensão é reforçada pelo mandato criacional descrito em Gênesis 1:27–28, no qual Deus cria homem e mulher à sua imagem e os abençoa, ordenando que frutifiquem e se multipliquem. A imagem de Deus não se limita à racionalidade, mas envolve também dimensões relacionais, morais e espirituais. Conforme destaca Paulo Alves, (2023, p. 62–63) a família participa do propósito divino ao refletir o caráter de Deus por meio da unidade e da missão compartilhada. O lar torna-se, assim, espaço privilegiado de manifestação da imagem divina na história.

Além de sua dimensão teológica, a família possui papel formativo central. A influência parental ocorre principalmente pela convivência cotidiana, e não apenas por instruções formais. Márcia e Darrell Marinho destacam que “nunca se esqueça de se conectar com o coração do seu filho adolescente, porque essa é a melhor maneira de influenciar essa geração” (Marinho e Marinho, 2023, p. 117). Essa afirmação reforça o ensino bíblico de que valores, identidade e fé são transmitidos no contexto relacional do lar.

A dimensão teológica da família torna-se ainda mais clara quando a Escritura utiliza imagens familiares para explicar o modo como Deus se relaciona com o Seu povo. Nesse sentido, a revelação bíblica aponta para uma compreensão relacional da fé, em que a convivência, o ensino e o exemplo cotidiano assumem papel central na formação espiritual das novas gerações.

No Antigo Testamento, a relação entre Deus e Israel é frequentemente descrita por meio da metáfora da aliança conjugal, especialmente nos escritos proféticos. Tal linguagem não possui caráter meramente poético, mas pedagógico, pois revela conceitos fundamentais como fidelidade, amor, disciplina e restauração, os quais são aprendidos, primeiramente, no contexto familiar. Assim, a família é apresentada como espaço concreto no qual a aliança divina pode ser compreendida e vivenciada.

Nesse contexto histórico, o profeta Oséias atua no Reino do Norte de Israel, em um período marcado por idolatria, instabilidade política e ruptura da aliança com Deus (Oséias 1–3). Deus ordena que Oséias se case com Gômer, uma mulher infiel, como sinal visível da infidelidade de Israel. A narrativa

evidencia que Oséias permanece fiel à aliança, mesmo diante da traição reiterada de sua esposa. Seu amor não é permissivo nem violento, mas firme e perseverante, revelando que o compromisso conjugal, no plano bíblico, envolve responsabilidade, verdade e disposição para restaurar.

Quando Gômer abandona o lar, a Escritura evidencia que a vida fora da aliança resulta em degradação e instabilidade (Oséias 2:5–7). Essa condição não decorre da crueldade de Oséias, mas da ruptura com a estrutura do lar e com os limites da aliança. Posteriormente, o profeta é chamado a resgatar sua esposa (Oséias 3:1), demonstrando que o amor bíblico não ignora a gravidade da ruptura, mas oferece possibilidade de restauração. Esse padrão revela que a família é espaço onde amor e disciplina coexistem, formando pessoas por meio de limites e graça.

Essa mesma lógica é apresentada na parábola do Filho Pródigo, narrada por Jesus em Lucas 15:11–32. O contexto da narrativa envolve a crítica dos fariseus ao fato de Jesus se relacionar com pecadores (Lucas 15:1–2). Ao contar essa história, Jesus apresenta um pai que ama profundamente, sem abdicar de sua autoridade. Ao permitir que o filho parta, o pai reconhece que o amadurecimento moral envolve responsabilidade. O sofrimento vivido pelo filho não decorre de punição paterna, mas do afastamento do lar, onde havia provisão, orientação e pertencimento.

O retorno do Filho Pródigo ocorre quando ele reconhece sua condição e decide voltar para casa (Lucas 15:17–20). O pai o recebe com misericórdia, sem negar a realidade do erro. A parábola ensina que a graça não elimina as consequências, mas abre caminho para a restauração. Esse padrão revela que a família bíblica não se fundamenta na satisfação imediata dos desejos, mas no compromisso, na disciplina e no perdão.

Conforme destaca o material Bases Bíblicas, a fé cristã é relacional e transmissível, sendo responsabilidade das gerações mais maduras formar e orientar as mais novas, preservando a aliança ao longo do tempo (Mazzalla *et al.*, 2023, p. 151–152).

Essa responsabilidade formativa da família também é reforçada por reflexões contemporâneas sobre educação cristã. O documento Educador Cristão destaca que os processos mais profundos da formação humana se iniciam no ambiente familiar, cabendo aos pais acompanhar, orientar e sustentar

o desenvolvimento integral dos filhos. De modo semelhante, a revista *Homem Batista* afirma que a família foi estabelecida por Deus como elemento fundamental para a continuidade da vida, para o equilíbrio relacional e para a formação responsável das novas gerações. Assim, a família bíblica se apresenta como realidade criacional, formativa e espiritual, indispensável ao projeto divino para a vida humana (Lopes, 2024, p. 8–9; d’Almeida, 2024, p. 5).

2.2 A MISSÃO FORMATIVA DOS PAIS

A Bíblia não apresenta a educação dos filhos como uma tarefa acessória, eventual ou secundária dentro da vida familiar, mas como responsabilidade central confiada diretamente aos pais. Desde os primeiros textos do Antigo Testamento, a formação espiritual, moral e identitária das novas gerações é tratada como missão primordial do lar, não sendo delegada às instituições externas. Essa compreensão rompe com a ideia contemporânea de que educar consiste apenas em prover escolarização formal, revelando que, no plano bíblico, educar envolve formar pessoas para viverem diante de Deus, com responsabilidade e consciência.

O texto clássico de Deuteronômio 6:6–7 estabelece esse princípio de forma clara e didática ao apresentar a educação como parte do cotidiano da vida familiar: os mandamentos do Senhor devem ser ensinados ao sentar-se em casa, ao caminhar pelo caminho, ao deitar-se e ao levantar-se. A linguagem utilizada indica que a formação bíblica não se limita a momentos formais, aulas estruturadas ou discursos pontuais, mas se desenvolve na convivência diária, nas escolhas práticas e na observação do exemplo dos pais. Trata-se de uma educação integrada à vida real.

Nesse sentido, a formação espiritual no contexto familiar se constrói prioritariamente na vivência cotidiana das relações, e não apenas por meio de instruções formais.

A prática da fé cristã no lar manifesta-se na maneira como os membros da família se tratam, dialogam, perdoam e servem uns aos outros. Conforme destaca Lécio Dornas, “o Evangelho vivido dentro de casa se expressa na mutualidade bíblica, especialmente nos mandamentos de ‘uns aos outros’, que estruturam a vida cristã em comunidade e encontram no ambiente familiar seu

espaço mais profundo de aplicação” (Dornas, 2024, p. 9–11). Assim, cada gesto, atitude e palavra no cotidiano do lar tornam-se instrumentos formativos, revelando que a missão educativa dos pais ocorre, sobretudo, pela convivência e pelo exemplo.

Essa responsabilidade é explicitada de maneira ainda mais objetiva na tradição bíblica ao afirmar que Deus confiou aos pais, especialmente ao pai, a missão de transmitir sua revelação. Conforme registrado no material Bases Bíblicas – Estudo 27: Educação Religiosa, Deus deu aos pais (especialmente ao pai) sua revelação divina — a Palavra-Lei da aliança —, a qual lhes confere a responsabilidade de ensinar, crer e obedecer (Deuteronômio 6:1–6). (Mazzalla *et al.*, 2023, p. 149). Essa afirmação reforça que a educação espiritual não é uma escolha opcional, mas um dever inerente à vocação parental.

A partir dessa base, compreende-se que o lar é o primeiro espaço pedagógico da vida humana. Antes de qualquer interação escolar ou social ampliada, é na família que a criança aprende valores fundamentais como respeito, responsabilidade, autoridade, limites e convivência. A educação bíblica não ocorre apenas por meio de instruções verbais, mas pela observação de atitudes, pela correção cotidiana e pela coerência entre discurso e prática. Ensinar “no caminho” significa ensinar nas decisões reais da vida, nos conflitos, no uso do tempo, do dinheiro e na forma de se relacionar com o outro.

O Novo Testamento reafirma e aprofunda essa responsabilidade ao atribuir explicitamente aos pais a formação espiritual dos filhos. Em Efésios 6:4, o apóstolo Paulo exorta que os filhos sejam criados “na disciplina e na admoestação do Senhor”, indicando que educar envolve tanto instrução quanto correção. A disciplina bíblica não se confunde com autoritarismo, mas representa um processo formativo que visa orientar, proteger e amadurecer. Textos como Provérbios 22:6 e Provérbios 1:8–9 reforçam que a educação recebida no lar acompanha o indivíduo por toda a vida.

Nesse sentido, o lar cristão pode ser compreendido, de maneira pedagógica, como uma extensão da vida da igreja, sem que isso implique sua institucionalização. A fé não é apresentada pela Escritura como restrita ao espaço do culto, mas como realidade vivida no cotidiano. Textos como Josué 24:15, que afirma “eu e minha casa serviremos ao Senhor”, demonstram que a espiritualidade bíblica é essencialmente doméstica e relacional. Assim, a

formação espiritual dos filhos não ocorre apenas por meio de ensino doutrinário, mas pela vivência concreta da fé no ambiente familiar.

A missão formativa dos pais também possui dimensão social e geracional. A literatura sobre educação cristã ressalta que a família desempenha papel central na transmissão de valores éticos, morais e culturais entre as gerações. Nessa perspectiva, a educação familiar não impacta apenas o indivíduo, mas contribui diretamente para a organização e a estabilidade da sociedade como um todo, ao formar cidadãos com identidade, valores e senso de responsabilidade.

Entretanto, a realidade contemporânea revela um processo crescente de terceirização da missão formativa. Muitos pais transferem quase integralmente a responsabilidade educativa para a escola, para o Estado ou para a igreja, limitando sua atuação ao provimento material. Essa tendência é criticada por materiais de educação cristã, como o Educador Cristão, ao afirmar que “a família não deve simplesmente matricular seus filhos e delegar à escola toda a tarefa educacional” (Lopes, 2024, p. 7). Tal compreensão reforça a perspectiva bíblica de que nenhuma instituição substitui plenamente o papel formativo do lar.

A terceirização da educação gera fragmentação formativa e enfraquecimento dos vínculos familiares. Instituições como escola e igreja possuem papel relevante no processo educativo, mas atuam de forma complementar, e não substitutiva. Quando os pais se ausentam do processo formativo, nenhuma instituição consegue suprir plenamente essa lacuna. Textos como 1 Timóteo 5:8 reforçam que negligenciar a responsabilidade familiar compromete a coerência da fé e fragiliza a formação integral dos filhos.

Dessa forma, a missão formativa dos pais assume papel decisivo na educação dos jovens. Lares que oferecem presença, orientação, disciplina e ensino consistente tendem a formar jovens com identidade mais sólida, maior clareza de propósito e maior estabilidade emocional e espiritual. Em contrapartida, a ausência dessa formação contribui para a confusão identitária e para a fragilidade observadas na juventude contemporânea. Assim, a família educadora ocupa lugar central no projeto bíblico, sendo o principal espaço de formação humana, espiritual e social das novas gerações.

2.3 RENÚNCIA, DISCIPLINA E SUBMISSÃO

A formação cristã no contexto familiar ultrapassa a simples organização do lar ou a transmissão de valores sociais elementares, exigindo a comunicação de princípios que estruturam a própria identidade cristã. A Escritura ensina que o ser humano foi criado para a glória de Deus (Isaías 43:7; 1 Coríntios 10:31), sendo chamado a viver em comunhão com Ele e a refletir Seu caráter por meio de uma vida ordenada, obediente e relacional.

Essa compreensão confere sentido profundo à educação no lar, pois formar filhos cristãos não significa apenas prepará-los para o mercado de trabalho ou para a convivência social, mas conduzi-los a compreender quem são, por que existem e para quem vivem (Deuteronômio 6:4–7; Salmos 78:5–7).

Jesus ensina que a identidade do discípulo precede e fundamenta a prática moral. Ao afirmar: “Eu sou a videira verdadeira” (João 15:1), o Senhor estabelece que a vida cristã não nasce do esforço humano isolado, mas da permanência nEle. Em João 15:5, Cristo declara que, sem essa permanência, nada pode ser feito, e, no versículo 8, afirma que o Pai é glorificado quando os discípulos produzem fruto, evidenciando que pertencem verdadeiramente a Ele. Assim, o comportamento não cria a identidade cristã, mas a revela. Quando essa permanência é rompida, a vida espiritual se desorganiza; quando é preservada, o fruto surge de maneira natural, com profundas implicações para a formação espiritual e moral dos jovens.

A Escritura reforça essa lógica ao estabelecer um contraste claro entre as obras da carne e o fruto do Espírito (Gálatas 5:18–25). As obras da carne expressam uma existência centrada no ego, na satisfação imediata dos desejos e na substituição de Deus por outros objetos de devoção. Em oposição, o fruto do Espírito revela uma vida marcada pelo amor, domínio próprio, mansidão, fidelidade e paz. Essa distinção evidencia que muitos conflitos comportamentais observados na juventude contemporânea não são apenas questões morais isoladas, mas refletem uma crise mais profunda de identidade espiritual e de pertencimento ao Reino de Deus (Romanos 8:5–8).

Essa compreensão também se manifesta no ensino de Jesus no Sermão do Monte. As bem-aventuranças (Mateus 5:1–12) descrevem o perfil daqueles que vivem segundo os valores do Reino de Deus, destacando atitudes como

humildade, mansidão, misericórdia e pureza de coração. Tais virtudes não são resultados de imposição externa, mas expressão de uma vida transformada interiormente.

As bem-aventuranças (Mateus 5:1–12) descrevem o perfil daquele que vive segundo os valores do Reino de Deus, declarando felizes os humildes, os mansos, os pacificadores e os que têm fome e sede de justiça. A felicidade bíblica, portanto, não está associada à autoafirmação ou à conquista individual, mas à submissão à vontade de Deus, à justiça e à comunhão. Trata-se de uma felicidade relacional e comunitária, que orienta diretamente a formação no contexto familiar e educa os filhos para uma vida que glorifica a Deus.

Nesse cenário, a renúncia surge como princípio central da identidade cristã. Jesus é explícito ao afirmar: “Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Lucas 9:23). Renunciar significa negar a centralidade do próprio “eu” e submeter desejos, vontades e projetos pessoais à vontade soberana de Deus. No ambiente familiar, essa renúncia se concretiza quando o indivíduo aprende a colocar o outro acima de si, vivendo o amor sacrificial ensinado nas Escrituras.

Nesse sentido, a educação cristã é compreendida como um processo contínuo de transformação de vida, no qual o discípulo abandona progressivamente sua antiga identidade e é moldado segundo o caráter de Cristo. Esse processo não ocorre por imposições externas, mas pela mudança interior que alcança valores, motivações e atitudes, conduzindo o indivíduo a uma vida ordenada e submissa à vontade de Deus (Souza, 2024, p. 2–3).

Essa verdade é vivenciada de forma prática no cotidiano familiar. Como afirmam os autores de *Criando Filhos para o Amanhã*, “a noção de sacrifício se torna mais tangível em um lar sadio, pois é expressa na prática quando colocamos as necessidades e o bem-estar de nossos pais ou irmãos acima das nossas vontades” (Oliveira *et al.*, 2024, p. 28). A família, assim, torna-se o espaço privilegiado onde a renúncia cristã deixa de ser um conceito abstrato e passa a ser experimentada concretamente.

A renúncia cristã, portanto, não possui caráter repressivo, mas pedagógico e libertador. Ao aprender a renunciar à própria vontade, o indivíduo desenvolve domínio próprio, maturidade emocional e relações saudáveis, conforme ensina o apóstolo Paulo (1 Coríntios 9:25–27). Em uma cultura

marcada pelo individualismo e pela autonomia absoluta, a renúncia ensinada no lar cristão atua como instrumento de formação do caráter e de resistência às pressões culturais que relativizam a verdade e enfraquecem valores permanentes.

Associada à renúncia está a disciplina, elemento indispensável à formação cristã. A Escritura apresenta Deus como um Deus de ordem (1 Coríntios 14:33), que estabelece mandamentos e orientações para a vida humana, visando o bem do seu povo (Deuteronômio 8:5). A disciplina no lar não existe para restringir arbitrariamente, mas para proteger, corrigir e formar. A ausência de limites compromete o amadurecimento moral e espiritual, tornando os jovens vulneráveis à instabilidade emocional, à frustração e à desorientação ética (Provérbios 13:24; Hebreus 12:7–11).

Nesse contexto, a formação cristã das novas gerações exige fidelidade, intencionalidade e disciplina contínua, pois transmitir a fé não é uma tarefa opcional, mas parte essencial da vida cristã. Trata-se de um compromisso com a Palavra, com a obediência e com a disposição de ensinar e viver aquilo que se crê (Aleixo, 2024, p. 2–3).

A submissão completa esse eixo formativo. No Novo Testamento, o cristão é descrito como *doulos*, servo de Cristo (Romanos 6:22), indicando uma obediência voluntária e consciente. Essa submissão não é imposta, mas escolhida, fundamentada no reconhecimento da autoridade legítima de Deus. O apóstolo Paulo ensina que o verdadeiro culto cristão envolve apresentar a própria vida como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus (Romanos 12:1).

Essa postura se expressa de forma clara na prática cristã cotidiana, como também evidenciado em reflexões sobre a vida no lar cristão, que destacam a importância de formar indivíduos humildes, capazes de colocar as necessidades do outro acima de seus próprios interesses, compreendendo que servir e submeter-se são expressões concretas da fé vivida no ambiente familiar.

A submissão cristã também implica a renúncia da velha natureza. Conforme ensina Efésios 4:22–24, o cristão é chamado a despir-se do velho homem, corrompido pelos desejos enganosos, e a revestir-se do novo homem, criado segundo Deus em justiça e santidade. Esse processo é contínuo e exige vigilância espiritual, disciplina e dependência constante da graça divina.

Dessa forma, renúncia, disciplina e submissão não são conceitos isolados, mas princípios integrados que moldam a identidade cristã. A família cristã, ao vivenciar esses valores de maneira intencional, coerente e fundamentada nas Escrituras, ensina aos jovens não apenas regras externas, mas uma identidade enraizada em Cristo. Essa formação os prepara para resistir ao individualismo, à relativização da verdade e às pressões culturais contemporâneas, formando pessoas maduras, comprometidas e capazes de viver em comunhão com Deus e com o próximo.

2.4 A CRISE DA FAMÍLIA MODERNA À LUZ DO LIVRO DE JUÍZES

A crise contemporânea da família não pode ser compreendida apenas como um fenômeno cultural recente ou como resultado de escolhas individuais isoladas. À luz das Escrituras, trata-se de um processo recorrente na história do povo de Deus, especialmente quando ocorre a ruptura na transmissão geracional da fé, dos valores e da identidade espiritual. O livro de Juízes apresenta um diagnóstico paradigmático desse processo ao descrever uma sociedade marcada pela fragilização da autoridade, pela relativização da verdade e pela desorganização moral, consequências diretas de uma formação interrompida no ambiente familiar.

O texto bíblico afirma que, após a morte da geração que havia experimentado diretamente as obras do Senhor, “levantou-se outra geração que não conhecia o Senhor, nem as obras que Ele fizera por Israel” (Juízes 2:10). Esse desconhecimento não se refere à ausência de informação histórica, mas à falha no processo formativo. A fé não foi incorporada como prática cotidiana no lar, nem transmitida de forma intencional e contínua. Assim, Juízes desloca o foco da crise da rebeldia juvenil para a responsabilidade geracional, evidenciando que o colapso espiritual resulta da ruptura na educação doméstica.

A consequência dessa falha formativa é sintetizada na expressão recorrente do livro: “cada um fazia o que parecia certo aos seus próprios olhos” (Juízes 21:25). Trata-se de um contexto em que a verdade deixa de ser objetiva e compartilhada, tornando-se subjetiva e individual. Esse padrão não apenas descreve a decadência espiritual de Israel, mas oferece uma lente interpretativa

adequada para compreender sociedades marcadas pela relativização de valores e pela centralidade do indivíduo como critério último de decisão moral.

No contexto brasileiro contemporâneo, essa crise manifesta-se, inicialmente, por meio da fragilização estrutural da família. Dados oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a partir do Censo Demográfico de 2022, indicam que 49,1% dos domicílios brasileiros são chefiados por mulheres, evidenciando profundas transformações nos arranjos familiares (IBGE, 2024). Embora tais configurações não possam ser analisadas de forma moralista, a literatura aponta que a sobrecarga parental e a ausência de um dos genitores impõem desafios adicionais à formação integral dos filhos.

Essa realidade impacta diretamente aspectos fundamentais do desenvolvimento, especialmente no que se refere à supervisão cotidiana, à presença afetiva e à transmissão consistente de valores no ambiente familiar. Pesquisas empíricas realizadas no Brasil corroboram a relação entre estrutura familiar e proteção juvenil. Peres *et al.* (2008), em estudo com adolescentes e jovens de 13 a 24 anos em bairros de baixo nível socioeconômico na cidade de São Paulo, demonstraram que jovens que viviam com ambos os pais apresentavam índices significativamente menores de comportamentos de risco.

Em contrapartida, aqueles que viviam com apenas um dos pais ou sem a presença parental apresentavam taxas mais elevadas. Resultados semelhantes foram encontrados por Peñaloza *et al.* (2023), com base em dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), indicando que adolescentes oriundos de famílias monoparentais apresentam maior consumo de álcool, cigarro e drogas ilícitas quando comparados àqueles criados em famílias com pai e mãe presentes.

Além da dimensão estrutural, observa-se uma crise funcional da família contemporânea, caracterizada pela terceirização progressiva da formação. Mesmo em lares nos quais pai e mãe estão presentes, a educação moral, prática e espiritual tem sido frequentemente delegada a instituições externas, como a escola, a igreja e outros agentes sociais. Filho (2012, P. 13-14) denomina esse fenômeno de “terceirização da infância”, ao afirmar que muitos pais transferem suas funções educativas fundamentais para terceiros, reduzindo a presença parental cotidiana e comprometendo a formação integral dos filhos.

Esse processo não ocorre apenas por negligência deliberada, mas está profundamente associado ao modelo social contemporâneo, marcado pelo excesso de trabalho, pelo cansaço constante e pela escassez de tempo para a convivência familiar. Martins Filho destaca que a ausência parental se constrói, muitas vezes, de forma silenciosa, esvaziando o vínculo formativo e fragilizando o papel dos pais como principais agentes de educação moral e emocional (Filho, 2012, p. 11–12). Tal dinâmica reproduz, em chave moderna, o padrão observado no livro de Juízes: intervenções pontuais que produzem alívio temporário, mas não estabelecem uma cultura formativa contínua.

Os efeitos dessa fragilização tornam-se evidentes na crise de identidade e de propósito observada entre os jovens. Dados do UNICEF Brasil e da Fundação Oswaldo Cruz (2021) indicam que quase um em cada seis adolescentes brasileiros convive com algum transtorno mental, evidenciando a centralidade da saúde mental na realidade juvenil. Além disso, levantamento do UNICEF, em parceria com o Gallup (2021), aponta que apenas 31% dos jovens brasileiros acreditavam que o mundo estava se tornando um lugar melhor, o que implica que cerca de 7 em cada 10 não percebiam melhora no cenário global. Considerando que os dados foram coletados no auge da pandemia de COVID-19, esse resultado reflete um contexto marcado por crise sanitária, desigualdade social, mudanças climáticas e instabilidade econômica, contribuindo para um ambiente de incerteza entre os jovens. Esse dado reforça a compreensão de que a crise juvenil não é apenas econômica ou emocional, mas profundamente formativa e existencial.

No plano cultural, a crise da família está associada à consolidação do pensamento moderno e pós-moderno, especialmente à relativização da verdade e à rejeição de referências normativas estáveis. A família deixa de ser compreendida como espaço de aliança, autoridade e transmissão geracional, passando a ser definida prioritariamente por critérios subjetivos de afeto e conveniência. Esse deslocamento conceitual encontra paralelo direto no cenário descrito no livro de Juízes, no qual a ausência de um padrão comum conduz à fragmentação moral e à confusão identitária.

No contexto brasileiro, acrescenta-se ainda um fator histórico relevante: o movimento pendular entre autoritarismo e permissividade. Gerações formadas sob forte repressão política e social, especialmente durante o período da ditadura

militar, reagiram, em muitos casos, flexibilizando limites e disciplinas na educação dos filhos, como forma de evitar a reprodução de práticas opressivas. Esse processo contribuiu para o enfraquecimento da autoridade parental e para a dificuldade contemporânea de equilibrar amor, limites e responsabilidade no ambiente familiar.

O impacto combinado desses fatores — fragilização estrutural, terceirização da formação, relativização cultural e permissividade histórica — manifesta-se de forma evidente na juventude atual. Jovens crescem com amplo acesso à informação, porém com formação fragmentada; cercados por estímulos, mas carentes de direção; valorizados pelo desempenho, mas inseguros quanto à identidade e ao propósito. À semelhança do cenário descrito em Juízes, a crise não decorre da ausência de recursos externos, mas da perda de um centro formativo estável, capaz de integrar fé, valores e prática cotidiana.

O livro de Juízes evidencia que Deus responde às crises levantando líderes para restaurar o povo. Contudo, quando a formação permanece episódica e dependente de intervenções pontuais, o ciclo de queda tende a se repetir. A restauração é real, porém temporária. Esse padrão demonstra que intervenções isoladas, ainda que espiritualmente legítimas, não substituem uma formação contínua, intencional e enraizada no cotidiano do lar.

Dessa forma, a crise da família contemporânea deve ser compreendida, sobretudo, como um fenômeno formativo e geracional. Jovens desorientados não surgem de maneira espontânea, mas refletem contextos familiares fragilizados e uma cultura que relativiza limites, autoridade e verdade. Essa constatação fundamenta a análise do capítulo seguinte, no qual serão examinadas as consequências dessa ruptura na identidade, na orientação prática e na saúde mental e espiritual da juventude contemporânea.

3. A JUVENTUDE CONTEMPORÂNEA: RETRATOS E RELATOS

3.1 IDENTIDADE, ANSIEDADE E CULTURA DIGITAL

A adolescência constitui uma etapa decisiva do desenvolvimento humano, marcada pela construção da identidade pessoal, social e moral, bem como pela busca de pertencimento e de sentido existencial. Nesse período, o indivíduo passa a elaborar respostas para questões centrais como quem é, a que grupo pertence e qual é o propósito de sua vida. A forma como essas questões são enfrentadas repercute diretamente na saúde emocional, no projeto de vida e na integração social do jovem na vida adulta.

Do ponto de vista teórico, Erik Erikson (1968) compreende a adolescência como o estágio do conflito entre identidade e confusão de papéis, no qual o sujeito busca integrar valores, crenças e referências sociais de modo coerente, a fim de alcançar estabilidade psicológica e moral. Quando esse processo não se consolida adequadamente, o indivíduo tende a apresentar insegurança, instabilidade emocional e dificuldades na tomada de decisões, prolongando a crise identitária para além da adolescência.

Estudos posteriores, especialmente os desenvolvidos por James Marcia e sistematizados por Jane Kroger (2010), aprofundaram essa análise ao identificar diferentes “status de identidade”, como identidade realizada, moratória, difusão e fechamento. A meta-análise conduzida por Kroger, Martinussen e Marcia (2010), publicada no *Journal of Adolescence*, demonstra que uma parcela expressiva dos adolescentes e jovens adultos permanece em estados de moratória ou difusão identitária, caracterizados por indefinição, instabilidade e ausência de compromissos claros. Nesse contexto, a consolidação da identidade revela-se um processo gradual, fortemente dependente das influências familiares, educacionais e sociais.

No cenário contemporâneo, esse processo ocorre em meio a um ambiente cultural marcado pelo relativismo moral e pela fragilização das referências tradicionais de autoridade. Valores passam a ser compreendidos como construções subjetivas, enquanto instituições formativas, como a família, a escola e a religião, perdem progressivamente sua centralidade normativa. Tal configuração dificulta a transmissão de parâmetros consistentes para a formação

do caráter e da identidade, ampliando a sensação de desorientação existencial entre os jovens.

Pesquisas empíricas recentes corroboram esse diagnóstico. Em estudo realizado com 560 jovens brasileiros entre 15 e 19 anos, Arantes e Pinheiro (2021) observaram que a maioria dos participantes compreendia o propósito de vida de forma abstrata ou idealizada, frequentemente associado a sonhos pessoais e conquistas individuais, sem articulação com uma noção concreta de missão ou responsabilidade social. Os autores também identificaram forte centralidade do “eu” na construção do sentido de vida, indicando fragilidade na dimensão vocacional e coletiva do propósito.

Esse fenômeno não se restringe ao contexto nacional. Pesquisa conduzida nos Estados Unidos por Weissbourd *et al.* (2023) com jovens adultos revelou que 58% relataram ter experimentado “pouco ou nenhum sentido de propósito” no mês anterior à coleta dos dados. O estudo também demonstrou que, entre os jovens com baixo senso de significado existencial, a prevalência de sintomas de ansiedade ou depressão alcançou 54%, enquanto, entre aqueles com propósito definido, esse índice foi de 25%, evidenciando uma associação direta entre identidade, sentido de vida e saúde mental.

A crise identitária manifesta-se, portanto, também como uma crise emocional. Segundo a Organização Mundial da Saúde, em sua ficha técnica *Adolescent Mental Health* (OMS, 2022; atualizada em 2025), aproximadamente um em cada sete adolescentes no mundo, na faixa etária de 10 a 19 anos, apresenta algum transtorno mental diagnosticável, sendo a ansiedade e a depressão os quadros mais recorrentes. Esses dados evidenciam a dimensão global e a gravidade do problema.

No Brasil, o relatório Saúde Mental de Adolescentes e Jovens no Brasil, elaborado conjuntamente pelo UNICEF Brasil e pela Fundação Oswaldo Cruz (2022), indica que quase um em cada seis adolescentes brasileiros convive com algum transtorno mental, evidenciando a relevância da saúde mental como questão central na juventude contemporânea. Além disso, levantamento realizado pelo UNICEF em parceria com o Gallup (2021), no contexto da pandemia de COVID-19, aponta que apenas 31% dos jovens brasileiros acreditavam que o mundo estava se tornando um lugar melhor, o que implica que cerca de 69% não percebiam melhora no cenário global. Esse dado, embora

não se refira diretamente ao propósito de vida, revela um ambiente de incerteza e instabilidade que impacta a forma como os jovens percebem o futuro, reforçando a dimensão emocional e existencial da crise juvenil no país.

Esses indicadores se intensificam quando associados a fatores culturais contemporâneos, especialmente o imediatismo e a lógica da gratificação instantânea. A cultura atual valoriza resultados rápidos, desempenho visível e satisfação imediata, em detrimento de processos longos, esforço contínuo e construção gradual. Tal dinâmica contribui para o desenvolvimento de baixa tolerância à frustração, dificuldade de perseverança e instabilidade emocional, sobretudo em jovens ainda em processo de formação identitária.

Nesse cenário, as redes sociais assumem papel central na construção da identidade juvenil. Dados da pesquisa TIC Kids Online Brasil (2024), realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), indicam que 93% dos adolescentes acessam a internet diariamente, Common Sense Media (2021) permanecendo conectados, em média, por 7 horas e 25 minutos por dia. O mesmo levantamento aponta elevada exposição a riscos digitais, como *cyberbullying* e conteúdos inadequados. Relatórios do Common Sense Media (2023) indicam que aproximadamente 70% dos adolescentes tiveram contato com pornografia online antes dos 18 anos, o que evidencia a influência moral, emocional e comportamental exercida precocemente pelo ambiente digital. Esses dados reforçam a compreensão de que as redes sociais e plataformas digitais não apenas informam, mas também moldam valores e visões de mundo.

A cultura digital também promove padrões idealizados de sucesso, beleza e felicidade, amplamente difundidos por influenciadores e celebridades. Essa “vida idealizada” contrasta com a realidade social da juventude brasileira. Dados da PNAD Contínua do IBGE (2025) indicam que cerca de 19,8% dos jovens entre 15 e 29 anos em 2023 não estudam nem trabalham, enquanto pesquisas educacionais apontam índices relevantes de evasão escolar no ensino médio. Essa discrepância entre expectativas culturais e condições reais contribui para sentimentos de frustração, fracasso e baixa autoestima.

Dessa forma, a crise de identidade na juventude contemporânea deve ser compreendida como um fenômeno multifatorial, que articula dimensões psicológicas, culturais, sociais e espirituais. A combinação entre fragilidade identitária, sofrimento emocional e intensa influência da cultura digital revela a

necessidade de respostas estruturais e formativas, especialmente no âmbito familiar e comunitário, tema que será aprofundado nos itens seguintes deste capítulo.

3.2 FALTA DE ORIENTAÇÃO PRÁTICA: JOVENS COBRADOS, MAS NÃO ACOMPANHADOS

A crise de identidade e a fragilidade emocional analisadas no item anterior tornam-se ainda mais profundas quando o jovem não recebe orientação prática para enfrentar os desafios concretos da vida escolar, profissional e social. Embora seja constantemente cobrada a “necessidade de estudar”, “ter responsabilidade” e “pensar no futuro”, grande parte da juventude brasileira não encontra adultos capazes de traduzir essas exigências em caminhos claros, processos compreensíveis e decisões acompanhadas.

Essa ausência de orientação não se manifesta apenas em discursos abstratos, mas em lacunas objetivas na transição entre as etapas da vida. O jovem é pressionado a fazer escolhas educacionais e profissionais sem compreender plenamente as opções disponíveis, os requisitos de acesso, as consequências dessas decisões e os percursos possíveis após o ensino básico. A cobrança, portanto, antecede a formação, criando um cenário de exigência sem preparo.

Os dados oficiais confirmam esse descompasso. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), do IBGE (2025), cerca de 19,8% dos jovens entre 15 e 29 anos, em 2023, não estudavam nem trabalhavam. Trata-se de um contingente expressivo que evidencia falhas estruturais no acompanhamento educacional e vocacional. Esse fenômeno não pode ser atribuído exclusivamente à falta de interesse individual, mas revela também limites sociais, econômicos e institucionais que afetam a inserção juvenil na escola e no mercado de trabalho.

Esse fenômeno não pode ser atribuído exclusivamente à falta de interesse juvenil. Ele revela, sobretudo, a inexistência de uma mediação adulta eficaz entre a escola, o mundo do trabalho e a vida social. A ausência de orientação prática compromete a capacidade do jovem de planejar o futuro, estabelecer metas realistas e compreender o valor dos processos formativos de médio e longo prazo.

No campo educacional, o problema torna-se ainda mais evidente. Dados do Censo Escolar, sistematizados pelo INEP (2024), indicam que aproximadamente 71% dos jovens brasileiros concluem o ensino médio até os 19 anos. Contudo, a presença de distorção idade-série (17,8%) e taxas de evasão próximas a 6% ao ano evidenciam que uma parcela significativa não conclui essa etapa na idade adequada, revelando fragilidades na trajetória escolar. A evasão escolar, nesse contexto, não é apenas reflexo de dificuldades econômicas, mas de um percurso formativo fragmentado e pouco acompanhado.

Apesar da existência de alternativas educacionais relevantes — como as Escolas Técnicas Estaduais (ETECs), as Faculdades de Tecnologia (FATECs) e os Institutos Federais —, observa-se que muitos jovens sequer consideram essas possibilidades. Isso ocorre porque grande parte das famílias desconhece os processos seletivos, o funcionamento das provas, os prazos de inscrição e, em muitos casos, a própria finalidade da educação técnica como via legítima de inserção profissional.

Essa lacuna informacional evidencia que o problema não está apenas na oferta de políticas públicas, mas na incapacidade de mediá-las no cotidiano familiar. Quando os pais não dominam informações básicas sobre o sistema educacional, o jovem tende a ficar privado de orientação concreta, reproduzindo trajetórias de exclusão educacional e vivenciando as mesmas limitações observadas em gerações anteriores.

A literatura educacional cristã corrobora essa análise ao apontar a delegação quase total da formação dos filhos à escola como um dos principais fatores de fragilidade juvenil. Lopes (2024) destaca que muitos pais restringem sua participação ao ato formal da matrícula, afastando-se do acompanhamento cotidiano do processo pedagógico, o que compromete não apenas o desempenho escolar, mas também a formação moral e emocional dos adolescentes.

Esse afastamento produz uma contradição pedagógica relevante: exige-se dos jovens disciplina, esforço e responsabilidade, sem, contudo, oferecer acompanhamento efetivo, diálogo constante ou exemplo prático. Segundo Lopes (2024), essa incoerência entre discurso e prática fragiliza a autoridade formativa dos adultos e contribui para a desmotivação escolar e para a insegurança dos jovens diante de suas próprias capacidades.

A dificuldade de acompanhamento manifesta-se também no cotidiano escolar básico. Muitos pais não conseguem auxiliar os filhos em tarefas simples de leitura, interpretação de texto ou operações matemáticas elementares. Embora reconheçam a importância da educação, carecem de condições pedagógicas, emocionais ou temporais para acompanhar o processo formativo, o que reforça, no jovem, a percepção de abandono e desamparo.

Esse padrão de cobrança sem orientação não se restringe ao ambiente familiar, estendendo-se também aos espaços religiosos. Jovens são frequentemente convocados a apresentar maturidade espiritual, comportamento exemplar e compromisso ético, mas raramente encontram ambientes seguros para questionar, dialogar e aprofundar suas dúvidas. A exigência moral, quando desvinculada do discipulado, gera afastamento em vez de amadurecimento.

A pesquisa da *LifeWay Research* (2019) confirma esse diagnóstico ao revelar que 32% dos jovens que se afastaram da igreja apontam a hipocrisia dos membros como um dos principais motivos, enquanto 25% discordar da posição da igreja sobre questões políticas ou sociais. Esses dados indicam que o problema não está na rejeição da fé, mas na ausência de acompanhamento coerente entre discurso e prática comunitária.

A falta de orientação prática, tanto no lar quanto na igreja, contribui para a formação de uma geração pressionada por expectativas adultas, mas desprovida de ferramentas adequadas para alcançá-las. Sem acompanhamento pedagógico, educacional e espiritual, os jovens tornam-se mais vulneráveis à desinformação, especialmente no ambiente digital, onde discursos simplificados e ideológicos passam a ocupar o espaço deixado pelas instituições formadoras.

Assim, a ausência de orientação prática revela-se um elemento estrutural da crise juvenil contemporânea. Ela se conecta diretamente à crise de identidade, à ansiedade e ao afastamento institucional discutidos neste capítulo, evidenciando que o problema não se limita a questões comportamentais, mas possui raízes formativas profundas, relacionadas à fragilidade dos processos educativos que deveriam orientar o desenvolvimento moral, espiritual e social das novas gerações.

3.3 CRISE ESPIRITUAL E SAÚDE MENTAL: SOFRIMENTO HUMANO, FÉ CRISTÃ E CONFUSÃO TEOLÓGICA CONTEMPORÂNEA

A crise espiritual enfrentada por jovens na atualidade manifesta-se, em grande medida, na dificuldade de compreender a relação entre fé, sofrimento e realidade concreta da vida. Embora os dados sobre ansiedade, depressão e ideação suicida já tenham sido apresentados anteriormente, é necessário aprofundar a dimensão espiritual dessa experiência, uma vez que muitos jovens sofrem não apenas emocionalmente, mas também teologicamente, por não possuírem categorias adequadas para interpretar sua dor à luz da fé cristã.

Nos Evangelhos, Jesus trata a ansiedade como uma expressão real da condição humana. Ao afirmar que as pessoas se inquietam com o que comer, vestir e com o dia de amanhã (Mateus 6:25–34), Cristo reconhece a fragilidade humana diante da insegurança da vida. Sua exortação, contudo, não nega a existência da ansiedade, mas direciona o olhar para a confiança em Deus, distinguindo o sofrimento humano de uma incredulidade deliberada.

Além disso, Jesus não promete uma existência isenta de dor. Ao declarar: “No mundo tereis aflições” (João 16:33), Ele prepara seus discípulos para uma vida marcada por tribulações, conflitos e sofrimento. Essa afirmação é central para a compreensão cristã da saúde mental, pois rompe com a expectativa equivocada de que a fé elimina automaticamente a dor emocional ou os conflitos interiores.

A própria experiência de Jesus inclui sofrimento psíquico intenso. No Getsêmani, Ele declara: “A minha alma está profundamente triste até a morte” (Mateus 26:38). O texto revela uma angústia profunda, expressa em linguagem emocional clara, demonstrando que o sofrimento interior não é incompatível com a obediência, a fé ou a comunhão com Deus. A tristeza de Cristo não é reprimida, mas acolhida no relato bíblico.

O Antigo Testamento também apresenta exemplos marcantes. O profeta Elias, após enfrentar perseguição, isolamento e intensa pressão ministerial, entra em colapso emocional. Em 1 Reis 19, ele foge para o deserto, senta-se debaixo de um zimbro e pede a morte, afirmando estar exausto e sem forças para continuar. Trata-se de um episódio clássico de esgotamento emocional, e não de apostasia ou rebeldia espiritual.

É significativo que a resposta divina ao estado de Elias não seja uma exortação moral imediata. Deus permite que o profeta durma, se alimente e recupere forças antes de qualquer instrução espiritual. Esse cuidado revela que a Escritura reconhece os limites humanos e a necessidade de restauração física e emocional, antes mesmo de orientações espirituais mais profundas.

Outro exemplo relevante encontra-se na experiência do salmista, especialmente em textos como o Salmo 42 e o Salmo 88, nos quais aparecem expressões de abatimento, desespero e sensação de abandono divino. Esses textos demonstram que a tradição bíblica legitima a verbalização da dor e não exige uma espiritualidade artificialmente triunfalista.

Apesar dessa riqueza bíblica, muitos jovens hoje não aprendem a integrar sofrimento e fé. Em determinados ambientes religiosos, a dor emocional ainda é associada à falta de oração, pouca fé ou vida espiritual deficiente. Essa leitura simplista produz culpa, silenciamento e afastamento, agravando o sofrimento psíquico em vez de oferecer alívio.

A crise espiritual juvenil também é intensificada pela confusão teológica presente no cenário contemporâneo. A difusão da teologia da prosperidade, por exemplo, associa a bênção divina à ausência de sofrimento, sucesso material e estabilidade emocional. Para jovens que enfrentam frustrações, fracassos e dor, essa perspectiva pode gerar sentimentos de inadequação, culpa e abandono espiritual.

Além disso, a influência do pensamento moderno e pós-moderno, herdeiro do Iluminismo, reforça uma espiritualidade antropocêntrica, na qual o indivíduo se torna o centro da fé. Nesse contexto, Deus passa a ser compreendido como meio para a satisfação pessoal, e não como Senhor soberano. Essa inversão fragiliza a compreensão do sofrimento como parte do processo de formação humana e espiritual.

Nesse cenário, muitos jovens se veem presos entre discursos contraditórios: de um lado, promessas religiosas de vitória constante; de outro, a realidade concreta marcada por ansiedade, tristeza e incertezas. A incapacidade de conciliar essas dimensões gera confusão espiritual, levando muitos a questionar a fé ou a abandoná-la silenciosamente.

A Bíblia, por sua vez, oferece uma espiritualidade mais profunda e realista. O sofrimento não é negado, mas integrado ao processo de amadurecimento

espiritual. Personagens bíblicos enfrentaram crises emocionais intensas sem que isso anulasse sua relação com Deus, evidenciando uma fé que convive com a fragilidade humana.

Assim, a crise espiritual dos jovens não pode ser compreendida apenas como falta de compromisso religioso, mas como resultado de uma formação que, em muitos casos, não oferece linguagem adequada para a dor. Não há espaço para o sofrimento ser acolhido, interpretado e acompanhado dentro da experiência de fé, o que contribui para o afastamento e a desorientação espiritual.

Compreender essa relação entre saúde mental e crise espiritual é essencial para a construção de caminhos de restauração. Uma espiritualidade que reconheça os limites humanos, valorize o cuidado integral e promova diálogo honesto com a dor é fundamental para que a fé volte a ser fonte de sentido, e não de confusão, para as novas gerações.

4. ANÁLISE BÍBLICA DA FORMAÇÃO ESPIRITUAL DE JOVENS NO AMBIENTE FAMILIAR

4.1 METODOLOGIA DA PESQUISA

O presente estudo teve como objetivo analisar, à luz das Escrituras, os princípios que orientam a formação espiritual de jovens no contexto da família cristã. Trata-se de um estudo voltado à compreensão teórica e bíblica do tema, sem a realização de investigação empírica. Dessa forma, a análise concentrou-se na interpretação de conteúdos já existentes, especialmente textos bíblicos e produções teológicas, buscando relacioná-los com os desafios enfrentados pela juventude contemporânea.

Nesse sentido, o trabalho caracterizou-se como qualitativa, por privilegiar a análise de significados, valores e interpretações, em vez de dados numéricos. Além disso, possui natureza bibliográfica, fundamentando-se em materiais já publicados, como a Bíblia, livros e artigos acadêmicos. Essa abordagem permitiu construir uma base consistente para compreender o papel da família e da fé na formação integral dos jovens.

As principais fontes utilizadas foram as Escrituras Sagradas, consideradas referência central do estudo, bem como autores que discutem educação cristã, família e juventude.

O método adotado consiste na análise descritiva e interpretativa dos conteúdos selecionados. A abordagem descritiva organiza e apresenta os dados, enquanto a interpretação busca compreender seus significados e aplicações. Assim, este capítulo propõe observar como alguns jovens, criados sob o temor e a devoção em Cristo, tiveram suas vidas usadas em prol da salvação de outros e da harmonia e do sucesso no contexto em que estavam inseridos.

As famílias analisadas de maneira mais aprofundada foram selecionadas por apresentarem maior quantidade de informações bíblicas relacionadas à participação direta dos pais na formação espiritual, moral e prática dos jovens. Nesse sentido, os relatos de José e Maria, Abraão, Sara e Isaque, e da família de Zebedeu oferecem elementos mais amplos para a observação da convivência familiar, da transmissão da fé, do discipulado e do amadurecimento espiritual ao longo do tempo. Outros exemplos bíblicos, como Timóteo, Samuel, João Batista e Moisés, também serão utilizados no decorrer do capítulo, porém de maneira

mais complementar, com a finalidade de reforçar princípios específicos relacionados à influência do ambiente familiar na formação das novas gerações.

Mediante a essas análises, foi possível observar caminhos de formação e restauração espiritual no ambiente familiar cristão, por isso, inicia-se a próxima seção destacando o papel central de formação e autoridade de pais e responsáveis pela juventude atual.

4.2 RECONSTRUÇÃO ESPIRITUAL

A reconstrução espiritual constitui o eixo central da restauração da família e da juventude, pois, à luz das Escrituras, toda crise social, moral e emocional possui raízes espirituais. Nesse sentido, a Bíblia apresenta de forma recorrente o afastamento de Deus como causa do colapso das relações humanas, indicando que o retorno à aliança é o caminho para a restauração. Assim, antes de discutir possíveis caminhos de restauração para a realidade contemporânea, torna-se necessário compreender como Deus age historicamente na restauração do seu povo e de que maneira esse padrão pode ser aplicado ao contexto contemporâneo.

No Antigo Testamento, o livro de Juízes revela um ciclo recorrente de decadência espiritual, opressão, arrependimento e restauração. Ao afirmar que “cada um fazia o que parecia reto aos seus próprios olhos” (Juízes 21:25), o texto evidencia a ausência de referência espiritual e de autoridade moral. Diante desse cenário, Deus levantava juízes para conduzir o povo ao arrependimento e à obediência, demonstrando que a restauração espiritual precede a restauração social. Esse padrão reforça a ideia de que a transformação verdadeira tem início no relacionamento com Deus.

De modo semelhante, a atuação dos profetas na história de Israel evidencia que a restauração espiritual está diretamente ligada à confrontação do pecado e ao chamado ao arrependimento. Textos como Isaías 1:16–18 e Jeremias 6:16 indicam que Deus não busca apenas práticas religiosas externas, mas corações transformados e vidas alinhadas à sua vontade. Dessa forma, observa-se que a espiritualidade bíblica possui implicações práticas, influenciando diretamente a vida familiar, a justiça e a organização social.

No contexto atual, observa-se que não há juízes ou profetas no mesmo sentido histórico do Antigo Testamento. Nesse cenário, a responsabilidade pela condução espiritual é atribuída à igreja, conforme o Novo Testamento apresenta a comunidade cristã como “sal da terra” e “luz do mundo” (Mateus 5:13–16). Assim, a igreja assume o papel de proclamar o arrependimento, anunciar o evangelho de Cristo e conduzir as famílias à reconciliação com Deus. Sua missão, portanto, ultrapassa o culto público, envolvendo a formação espiritual contínua das novas gerações.

A partir dessa compreensão, a reconstrução espiritual não pode ser pensada de forma individualista. As Escrituras apresentam a família como o espaço primário da formação da fé, evidenciando sua centralidade no processo educativo. Em Deuteronômio 6:6–7, a orientação de ensinar os mandamentos “ao assentar-se em casa, ao andar pelo caminho, ao deitar-se e ao levantar-se” demonstra que a espiritualidade deve estar integrada à rotina. Dessa forma, quando a família se omite dessa responsabilidade, estabelece-se um vazio formativo que dificilmente é suprido por outras instituições.

Nesse contexto, o culto doméstico assume papel central na reconstrução espiritual do lar. Mais do que uma prática isolada, ele representa o núcleo da formação espiritual e moral da família, ao integrar a fé ao cotidiano. Textos como Josué 24:15 — “eu e a minha casa serviremos ao Senhor” — evidenciam que a decisão espiritual no ambiente familiar exerce influência direta sobre as gerações, consolidando valores e direcionando escolhas.

Além disso, observa-se que, no culto doméstico, a Palavra de Deus orienta decisões, molda valores e fortalece vínculos familiares. Em um cenário contemporâneo marcado por rotinas intensas, escolas em tempo integral e fragmentação da convivência familiar, muitos lares enfrentam dificuldades em manter práticas espirituais consistentes. Diante disso, a reconstrução espiritual resgata o papel formativo da família, devolvendo-lhe sua centralidade. Assim, o culto doméstico deixa de ser apenas um momento devocional e passa a constituir um espaço contínuo de diálogo, ensino e convivência, no qual a fé se torna acessível e significativa para crianças e jovens.

Durante essas práticas espirituais, os filhos aprendem a discernir entre fé e cultura, entre princípios bíblicos e ideologias que frequentemente se apresentam como neutras, mas carregam valores contrários à cosmovisão

cristã. O apóstolo Paulo exorta: “não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente” (Romanos 12:2). Essa renovação ocorre, prioritariamente, no ambiente familiar, onde a fé é vivida e explicada.

Assim, o lar transforma-se em um verdadeiro laboratório de discipulado cristão. Nele, a autoridade espiritual dos pais é reafirmada não por imposição, mas por exemplo e coerência. Provérbios 22:6 ensina que a formação no caminho correto produz frutos duradouros, reforçando que a educação espiritual no lar possui efeitos a longo prazo. O amor, a correção e o ensino caminham juntos nesse processo formativo.

A igreja local, por sua vez, deve ser compreendida como extensão do lar cristão. Ela não substitui o papel dos pais, mas os fortalece, oferecendo suporte pastoral, ensino bíblico e acompanhamento contínuo. Efésios 4:11–13 destaca que Deus concede ministérios à igreja “com vistas ao aperfeiçoamento dos santos”, o que inclui o fortalecimento das famílias em sua vocação espiritual e educativa.

Inspirada na compreensão teológica de Martinho Lutero, proposta na obra “Da Liberdade Cristã” (1520), observa-se a superação da separação rígida entre vida religiosa e vida cotidiana. Ao afirmar que o cristão é simultaneamente livre diante de Deus e servo no mundo, Lutero indica que a fé não se restringe ao âmbito religioso, mas se expressa nas atividades comuns da vida. Essa compreensão se harmoniza com o princípio da mordomia cristã, amplamente desenvolvido na tradição batista, segundo o qual tudo — vida, tempo, dons, recursos e relacionamentos — pertence a Deus e deve ser administrado com responsabilidade e fidelidade. Assim, acompanhar os filhos na escola, orientá-los nas escolhas profissionais e prepará-los para a vida adulta também são expressões legítimas da espiritualidade cristã (1 Coríntios 10:31).

Essa visão integral da fé amplia o papel da família e da igreja na formação dos jovens. A espiritualidade não se restringe ao templo, mas se manifesta na forma como se vive, trabalha e se relaciona. Colossenses 3:17 reforça que tudo deve ser feito “em nome do Senhor Jesus”, apontando para uma espiritualidade encarnada no cotidiano.

Desse modo, a reconstrução espiritual pode ser compreendida também como instrumento de prevenção social e emocional. Famílias espiritualmente

estruturadas tendem a formar jovens mais resilientes, conscientes de seu propósito e mais preparados para lidar com sofrimento e frustração. O Salmo 127:1 afirma que “se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam”, evidenciando que a verdadeira restauração tem sua origem em Deus e não apenas em estratégias humanas.

Assim, compreender a reconstrução espiritual a partir da restauração familiar permite a formulação de respostas mais consistentes para a crise da juventude contemporânea. Quando a igreja exerce seu papel formativo e a família retoma sua missão espiritual, cria-se um ambiente propício ao desenvolvimento da fé, da maturidade e da esperança nas novas gerações.

4.3 AMOR, AUTORIDADE E EDUCAÇÃO AFETIVA

A compreensão adequada do amor constitui o fundamento da educação cristã e da autoridade exercida no ambiente familiar. A Escritura afirma de forma categórica que “Deus é amor” (1 João 4:8), revelando que o amor não é apenas um atributo divino, mas a essência do próprio Deus. Nesse sentido, falar de amor na educação familiar não se limita a um conceito subjetivo ou emocional, mas refere-se a uma realidade teológica que orienta toda a vida humana.

O amor de Deus se manifesta, primeiramente, no propósito da criação. O ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus (Gênesis 1:26–27), o que implica não apenas racionalidade e moralidade, mas também capacidade relacional. Dessa forma, observa-se que Deus, sendo perfeito em comunhão, cria o homem para viver em relação com Ele, com o próximo e com a criação, indicando que a existência humana possui natureza essencialmente relacional.

A família, portanto, surge como a primeira comunidade relacional instituída por Deus, anterior ao pecado e às estruturas sociais posteriores. Em Gênesis 2:18, ao afirmar que “não é bom que o homem esteja só”, evidencia-se que a vida em comunhão faz parte do projeto divino. Assim, a família não se configura como construção cultural tardia, mas como fundamento espiritual da vida humana, destinada a promover harmonia, cuidado mútuo e formação integral.

A missão do ser humano, à luz das Escrituras, está diretamente relacionada à glória de Deus. O homem existe para glorificar a Deus e desfrutar de Sua presença, conforme ensina o princípio bíblico expresso em textos como Isaías 43:7 e 1 Coríntios 10:31. Essa missão se concretiza, de forma prática, no mandamento central do amor: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo (Mateus 22:37–39). Assim, toda a vida cristã, inclusive a educação familiar, deve ser orientada por esse princípio.

Nesse contexto, o amor cristão não pode ser confundido com permissividade ou ausência de orientação. O amor bíblico envolve compromisso, responsabilidade e cuidado. Hebreus 12:6 afirma que “o Senhor corrige a quem ama”, indicando que a disciplina constitui expressão legítima do amor. Dessa forma, a autoridade exercida no lar não se opõe ao amor, mas se concretiza de maneira pedagógica e formativa.

Jesus Cristo apresenta o modelo supremo desse amor educativo. Como Mestre, Ele ensinava com autoridade, mas também com misericórdia, paciência e clareza. O uso de parábolas, conforme registrado em Mateus 13:34, demonstra uma pedagogia que busca tornar acessíveis verdades profundas, adaptando a linguagem à realidade dos ouvintes. Esse método evidencia que o ensino cristão exige sensibilidade, didática e proximidade relacional, princípios fundamentais para a educação no ambiente familiar.

O apóstolo Paulo reforça essa perspectiva ao afirmar: “Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo” (1 Coríntios 11:1). Nesse sentido, pais cristãos são chamados a refletir, em sua prática cotidiana, o caráter de Cristo, ensinando não apenas por palavras, mas sobretudo pelo exemplo. Assim, a educação afetiva cristã se concretiza quando os valores do evangelho são vividos no dia a dia, tornando-se visíveis e compreensíveis aos filhos.

Acrescido a isso, a Escritura estabelece a família como o primeiro e principal espaço de responsabilidade espiritual do crente. Em 1 Timóteo 5:8, Paulo adverte que “se alguém não cuida dos seus, especialmente dos da própria casa, tem negado a fé e é pior do que o incrédulo”. Esse ensinamento evidencia que nenhuma atividade religiosa, ministerial ou profissional pode se sobrepor à responsabilidade espiritual e afetiva no ambiente familiar.

Nesse sentido, a educação cristã exige renúncia do ego e submissão à vontade de Cristo. Jesus afirma que aquele que deseja segui-lo deve negar a si

mesmo (Lucas 9:23), indicando que a vida cristã implica abdicar do individualismo em favor do serviço. No ambiente familiar, isso se traduz na disposição dos pais em priorizar o cuidado, o tempo e a formação dos filhos acima de interesses pessoais ou meramente produtivos.

A centralidade de Cristo na vida familiar é, portanto, inegociável. O ensino bíblico afirma que é necessário buscar primeiramente o Reino de Deus e a sua justiça (Mateus 6:33). Quando trabalho, rotina ou outras atividades passam a ocupar o lugar central, observa-se um desalinhamento espiritual. Dessa forma, a educação afetiva cristã parte do reconhecimento de que Cristo é o centro, e todas as demais áreas da vida devem ser organizadas a partir dessa prioridade.

A autoridade dos pais, nesse contexto, deve ser exercida à luz dessa centralidade. Efésios 6:4 orienta que os filhos sejam criados “na disciplina e na admoestação do Senhor”, evitando tanto o autoritarismo quanto a negligência. Assim, a autoridade cristã assume caráter formativo e servidor, sendo mediada pelo amor e pela verdade.

A educação afetiva no lar também exige intencionalidade pedagógica. À semelhança do ensino de Cristo, que se dava de forma contextualizada, os pais são chamados a desenvolver estratégias criativas, didáticas e acessíveis para transmitir valores espirituais. O ensino não se restringe a momentos formais, mas ocorre nas experiências cotidianas, nas conversas e nas decisões vivenciadas no dia a dia.

Por fim, ao integrar amor, autoridade e educação afetiva, a família cristã configura-se como espaço de formação espiritual sólida e emocionalmente saudável. A prática educativa, orientada por princípios bíblicos, compreende a disciplina como cuidado, a autoridade como serviço e a renúncia como expressão de fé. Assim, o lar cumpre sua vocação de refletir o caráter de Deus e preparar as novas gerações para uma vida responsável, amorosa e comprometida com o Reino.

4.4 A FORMAÇÃO DE JESUS NO AMBIENTE FAMILIAR: JOSÉ E MARIA NA CONSTRUÇÃO DE UMA JUVENTUDE SAUDÁVEL

A encarnação de Cristo ocorreu no contexto de uma família concreta, composta por pai, mãe e, posteriormente, irmãos. Esse dado possui profundo

significado teológico, pois evidencia que Deus escolheu o ambiente familiar como espaço privilegiado de desenvolvimento humano. Desde a criação, o relacionamento entre homem e mulher constitui a base da vida social (Gênesis 2:24), indicando que a formação integral do indivíduo está diretamente ligada à estrutura familiar. Assim, ao enviar Seu Filho ao mundo no interior de um lar, Deus reafirma o papel central da família na formação de indivíduos saudáveis, tanto no aspecto humano quanto espiritual.

Os Evangelhos apresentam José e Maria como pais piedosos e comprometidos com a Lei de Deus. Após o nascimento de Jesus, eles cumprem as ordenanças religiosas, como a circuncisão ao oitavo dia (Lucas 2:21) e a apresentação no templo conforme a Lei (Lucas 2:22–24). Esses atos evidenciam que os pais assumiam a responsabilidade de introduzir o filho na tradição espiritual de Israel desde os primeiros dias de vida, demonstrando que a educação espiritual se inicia no ambiente familiar.

Além disso, a prática religiosa da família se manifesta na peregrinação anual a Jerusalém para a festa da Páscoa. O relato de Lucas 2:41 destaca que seus pais iam todos os anos à cidade, revelando a existência de um hábito espiritual consistente no lar. A participação nessas práticas não apenas cumpria exigências religiosas, mas também funcionava como meio de ensino e transmissão da memória da fé, inserindo Jesus na história do povo de Deus.

Dessa forma, observa-se que a formação espiritual no ambiente familiar não se limita ao ensino verbal, mas se concretiza por meio de práticas, exemplos e hábitos vividos no cotidiano. A convivência com pais comprometidos com Deus e a participação ativa em práticas religiosas evidenciam que o desenvolvimento espiritual de Jesus ocorreu em um contexto de coerência entre fé e vida, reforçando o papel do lar como espaço fundamental de formação.

O episódio de Jesus no templo aos doze anos ilustra o desenvolvimento intelectual e espiritual ocorrido nesse ambiente familiar. Lucas relata que o jovem estava entre os doutores da Lei, “fazendo-lhes perguntas”, e todos se admiravam de sua inteligência (Lucas 2:46–47). Esse episódio evidencia que Jesus já possuía familiaridade com as Escrituras e capacidade de reflexão teológica. Embora sua sabedoria seja singular, o contexto familiar piedoso sugere que o estudo e a valorização da Palavra de Deus faziam parte do ambiente doméstico em que foi criado.

Após esse episódio, Lucas registra que Jesus voltou com seus pais para Nazaré e “era-lhes submisso” (Lucas 2:51). Esse dado revela que o Filho de Deus viveu dentro da dinâmica ordinária da vida familiar, respeitando a autoridade dos pais e crescendo sob sua orientação. O evangelista conclui afirmando que Jesus “crescia em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e dos homens” (Lucas 2:52), indicando um desenvolvimento integral — intelectual, físico, espiritual e social — inserido no contexto da vida familiar.

Os Evangelhos também mencionam que Jesus cresceu convivendo com irmãos e irmãs (Mateus 13:55–56), o que demonstra que sua juventude se desenvolveu em um ambiente doméstico comum. Ainda que inicialmente alguns de seus irmãos não tenham crido nele (João 7:5), posteriormente passam a integrar a comunidade cristã, como ocorre com Tiago, que se torna líder da igreja em Jerusalém (Gálatas 1:19; Atos 15). Esse processo evidencia que a convivência familiar também desempenha papel importante na formação espiritual ao longo do tempo.

Dessa forma, a infância e a juventude de Cristo mostram que a família se constitui como espaço fundamental de convivência, aprendizado e formação de caráter. A escolha divina de inserir o Messias em um lar piedoso reforça a importância da família na formação de indivíduos equilibrados, capazes de crescer em sabedoria, caráter e compromisso espiritual.

4.5 ABRAÃO, SARA E ISAQUE: UM MODELO BÍBLICO DE FORMAÇÃO ESPIRITUAL NO AMBIENTE FAMILIAR

A narrativa de Abraão e Isaque ocupa lugar central na reflexão bíblica sobre a formação familiar, pois apresenta de forma concreta a responsabilidade dos pais na transmissão da fé. Diferentemente de outros personagens cuja infância é pouco descrita, Isaque aparece inserido em um ambiente claramente marcado pela promessa, pela aliança e pela direção divina. Antes mesmo de seu nascimento, sua existência já estava vinculada ao propósito de Deus, conforme revelam as promessas feitas a Abraão e Sara em Gênesis 17 e 18. Esse contexto evidencia que Isaque não cresceu em um ambiente espiritualmente neutro, mas em um lar orientado pela compreensão de que a vida do filho fazia parte do plano de Deus.

O texto central para essa discussão encontra-se em Gênesis 18:19, quando o próprio Senhor declara: “Porque eu o escolhi para que ordene a seus filhos e a sua casa depois dele, para que guardem o caminho do Senhor, e pratiquem a justiça e o juízo”. Nesse versículo, observa-se que a responsabilidade pela formação espiritual não é atribuída a uma instituição externa, mas diretamente ao pai e à casa. Assim, Abraão é apresentado como responsável por ensinar, dirigir e orientar a vida espiritual da família, evidenciando que a educação dos filhos possui caráter doméstico e pactual, diretamente relacionado à fidelidade a Deus.

Além da liderança de Abraão, a narrativa demonstra que Sara também exerce papel relevante na formação de Isaque. Ela não é apenas mãe no sentido biológico, mas participa ativamente do contexto em que a promessa se cumpre. Em Gênesis 21, o nascimento e o desmame de Isaque são celebrados no ambiente familiar, indicando um contexto de cuidado, alegria e acompanhamento do desenvolvimento da criança. Dessa forma, observa-se que a formação espiritual saudável envolve não apenas ensino direto, mas também a construção de um ambiente familiar seguro e orientado pelos propósitos de Deus.

O ponto culminante da narrativa encontra-se em Gênesis 22, no episódio do quase sacrifício de Isaque. Esse relato não revela apenas a fé de Abraão, mas também indícios do processo formativo de Isaque. Ao questionar: “Eis aqui o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto?” (Gênesis 22:7), Isaque demonstra familiaridade com a estrutura do culto sacrificial. Esse detalhe indica aprendizado prévio, sugerindo que ele havia sido instruído anteriormente acerca da adoração e da relação com Deus, o que reforça o papel contínuo da família na formação espiritual.

A submissão de Isaque em Gênesis 22 também possui profundo significado teológico. O texto afirma que Abraão colocou a lenha sobre o jovem, o que indica que ele já possuía vigor físico e não era apenas uma criança incapaz de reagir. Ainda assim, não há qualquer registro de resistência, fuga ou rebelião. Essa postura evidencia confiança, reverência e obediência, elementos que dificilmente se desenvolvem de forma imediata, mas resultam de um processo formativo anterior, construído no convívio familiar. Dessa forma, a cena aponta para uma formação espiritual consolidada, na qual o ensino ocorre não apenas por palavras, mas também pelo exemplo e pela vivência.

Assim, a relação entre Abraão, Sara e Isaque constitui um dos retratos mais significativos da formação espiritual no contexto familiar. Abraão é apresentado como pai chamado por Deus para ensinar e conduzir; Sara, como mãe da promessa e responsável pelo ambiente formativo; e Isaque, como filho que aprende a reconhecer o culto, a confiar e a obedecer. Esse conjunto evidencia que a formação de jovens saudáveis não se limita a momentos pontuais, mas decorre de um exercício contínuo da responsabilidade familiar, no qual pai e mãe participam ativamente da transmissão da fé, dos valores e da obediência a Deus.

4.6 ZEBEDEU, SALOMÉ, TIAGO E JOÃO: JUVENTUDE, CONVIVÊNCIA FAMILIAR E AMADURECIMENTO NO DISCIPULADO

A análise da família de Zebedeu apresenta especial relevância para a temática proposta porque diversos estudiosos consideram plausível a hipótese de que Tiago e, principalmente, João fossem relativamente jovens no período em que foram chamados por Cristo. A Escritura não informa diretamente a idade dos discípulos, mas alguns elementos históricos, contextuais e narrativos permitem compreender essa hipótese como razoável dentro da análise acadêmica do Novo Testamento.

Um dos fatores mais utilizados nessa discussão refere-se à longa duração do ministério de João. A tradição cristã antiga associa sua atuação ao final do primeiro século, especialmente a partir do relato de Irineu de Lião, em *Contra as Heresias* (Irineu de Lião, 1885, II.22.5), no qual afirma que João permaneceu vivo até os tempos do imperador Trajano, cujo governo teve início em 98 d.C. Considerando que o ministério público de Jesus ocorreu aproximadamente entre os anos 27 e 33 d.C., João teria permanecido ativo por cerca de seis décadas após o período do discipulado terreno de Cristo.

Essa cronologia fortalece a hipótese de que João pudesse ser mais jovem que parte dos demais discípulos. Caso já fosse homem de idade mais avançada no momento do chamado, sua permanência ministerial até o final do século I seria menos provável. Assim, a duração de sua atuação na igreja primitiva constitui um dos principais argumentos utilizados para sustentar a possibilidade de que João fosse relativamente jovem durante o discipulado.

Outro elemento frequentemente mencionado pelos intérpretes encontra-se em Mateus 17:24–27, no episódio relacionado ao pagamento do imposto do templo. Nesse texto, os cobradores dirigem-se especificamente a Pedro para questionar se Jesus realizava o pagamento devido. Em seguida, Jesus orienta Pedro a pagar o tributo por ambos. Alguns estudiosos sugerem que o fato de apenas Jesus e Pedro aparecerem diretamente associados ao pagamento poderia indicar que os demais discípulos talvez ainda não estivessem obrigados ao tributo, hipótese relacionada à possibilidade de parte deles serem mais jovens.

Além desses elementos, o próprio contexto do chamado dos filhos de Zebedeu reforça essa possibilidade. Mateus 4:21–22 e Marcos 1:19–20 afirmam que Tiago e João estavam no barco “com Zebedeu, seu pai”, consertando as redes quando foram chamados por Jesus. O texto apresenta os dois inseridos diretamente na rotina produtiva familiar, aprendendo e exercendo o ofício da pesca ao lado do pai.

Marcos acrescenta que Zebedeu possuía empregados na embarcação. Entretanto, mesmo diante da existência de trabalhadores contratados, os filhos participavam diretamente do trabalho cotidiano. Esse aspecto é significativo porque demonstra que a presença de estrutura econômica não eliminava a participação ativa dos jovens na rotina familiar e profissional. O texto evidencia um ambiente de convivência prática, no qual responsabilidade, disciplina e experiência eram transmitidas no cotidiano.

Nesse sentido, a hipótese da juventude de Tiago e João torna-se particularmente relevante para este trabalho. O relato bíblico não apresenta discípulos isolados da estrutura familiar, mas jovens inseridos no trabalho, acompanhados pelo pai e envolvidos em responsabilidades concretas da vida cotidiana. Essa observação dialoga diretamente com os desafios contemporâneos relacionados à ausência de acompanhamento familiar e à dificuldade de inserção prática da juventude em processos de responsabilidade e amadurecimento.

A atividade da pesca, no contexto da Galileia do primeiro século, exigia esforço físico, conhecimento técnico e cooperação constante. O fato de os filhos estarem consertando redes ao lado do pai evidencia um processo de formação prática desenvolvido por meio da convivência familiar. O barco não representava

apenas espaço econômico, mas também ambiente pedagógico, no qual os jovens aprendiam responsabilidade, disciplina e trabalho coletivo.

Além do ambiente familiar e profissional, o contexto religioso do chamado também merece atenção. Tiago, João e Zebedeu eram judeus galileus inseridos no contexto do judaísmo do Segundo Templo, período marcado por intensa expectativa messiânica. O ministério de João Batista já mobilizava amplos setores da população judaica, conforme relatam os Evangelhos (Mateus 3:1–6; Marcos 1:4–5).

Nesse contexto, é bastante provável que a família de Zebedeu já tivesse ouvido falar tanto de João Batista quanto das expectativas relacionadas à chegada do Messias. O chamado dos discípulos ocorre após o início público do ministério de Jesus na Galileia (Mateus 4:12–17), quando sua mensagem já começava a se tornar conhecida na região. Assim, Jesus provavelmente não era um personagem completamente desconhecido para aquela família.

Outro aspecto relevante refere-se à reação de Zebedeu diante do chamado dos filhos. O texto bíblico afirma que Tiago e João deixaram “o barco e seu pai” para seguir Jesus, mas não registra qualquer oposição paterna explícita. Considerando a forte autoridade familiar presente na cultura judaica do primeiro século, o fato de o relato não apresentar resistência paterna pode ser observado como elemento significativo.

O relato demonstra que o chamado de Cristo atravessa concretamente a estrutura familiar dos discípulos. Tiago e João deixam o trabalho da pesca para seguir Jesus, mas não abandonam os elementos formativos recebidos no ambiente doméstico. Pelo contrário, aspectos aprendidos na convivência familiar — responsabilidade, disciplina, cooperação e convivência — tornam-se importantes em sua trajetória posterior no discipulado.

A mãe dos filhos de Zebedeu também ocupa posição relevante nos Evangelhos. Mateus menciona “a mãe dos filhos de Zebedeu” entre as mulheres presentes na crucificação (Mateus 27:56), enquanto Marcos identifica “Salomé” entre as mulheres que acompanhavam Jesus e o serviam desde a Galileia (Marcos 15:40–41). A comparação entre os textos levou parte significativa da tradição cristã a identificar Salomé como mãe de Tiago e João.

Os Evangelhos apresentam essa mulher como participante ativa da comunidade que seguia Jesus. O episódio registrado em Mateus 20:20–23

demonstra que a família estava profundamente envolvida com a expectativa do Reino messiânico. Nesse texto, a mãe dos filhos de Zebedeu pede que seus filhos ocupem posições de honra no Reino de Cristo. Embora o pedido revele compreensão ainda limitada acerca da verdadeira natureza do Reino de Deus, a atitude da mãe também pode ser compreendida como expressão de cuidado, proteção e preocupação materna com o futuro espiritual de seus filhos. Seu desejo de vê-los próximos de Cristo e participantes de sua glória evidencia o zelo de uma mãe profundamente envolvida no discipulado e na formação espiritual de seus filhos.

O próprio desenvolvimento de Tiago e João nos Evangelhos evidencia amadurecimento progressivo. Marcos registra que Jesus lhes atribuiu o nome de Boanerges, “filhos do trovão” (Marcos 3:17), expressão frequentemente associada à intensidade de temperamento e impulsividade. Essa característica aparece em Lucas 9:51–56, quando os irmãos sugerem pedir fogo do céu contra os samaritanos que recusaram hospedar Jesus.

Esses episódios demonstram que Tiago e João ainda estavam em processo de formação espiritual. O discipulado cristão desenvolve-se progressivamente por meio da convivência contínua com Cristo. Ao longo dos Evangelhos, ambos passam a integrar o círculo mais próximo de Jesus em momentos decisivos, como a transfiguração (Marcos 9:2), a ressurreição da filha de Jairo (Marcos 5:37) e a oração no Getsêmani (Marcos 14:33).

O desenvolvimento posterior dos dois irmãos reforça essa transformação progressiva. Tiago torna-se o primeiro apóstolo martirizado registrado em Atos 12:1–2, enquanto João permanece associado à liderança da igreja primitiva e à tradição joanina do final do primeiro século. A trajetória de João é particularmente significativa porque o discípulo inicialmente associado à impulsividade torna-se posteriormente ligado, na tradição cristã, aos temas do amor, da comunhão e da permanência em Cristo.

Dessa forma, a família de Zebedeu oferece importante contribuição para a compreensão da formação espiritual de jovens no ambiente familiar. O relato evidencia a presença paterna na transmissão prática de responsabilidade, a participação materna no seguimento de Cristo e o amadurecimento gradual dos filhos no discipulado. Tiago e João surgem como discípulos provavelmente

jovens, inseridos em convivência familiar, trabalho cotidiano e contexto religioso ativo, sendo posteriormente transformados pela caminhada com Cristo.

4.7 OUTROS EXEMPLOS BÍBLICOS DE FORMAÇÃO ESPIRITUAL NO AMBIENTE FAMILIAR

Além dos exemplos mais detalhados apresentados anteriormente, a Escritura também oferece relatos mais breves que evidenciam a influência da família na formação espiritual dos filhos. Embora esses textos não descrevam de forma extensa o processo educativo, revelam que o ambiente familiar exerce papel decisivo no desenvolvimento moral e espiritual ao longo das gerações.

Um desses exemplos encontra-se no livro de Jó. O texto afirma que seus filhos realizavam encontros festivos entre si, e que, ao final desses dias, Jó se levantava de madrugada para oferecer sacrifícios por cada um deles, dizendo: “Talvez tenham meus filhos pecado e blasfemado contra Deus em seu coração” (Jó 1:5). Essa atitude demonstra um pai profundamente comprometido com a vida espiritual dos filhos, exercendo, no âmbito familiar, uma função de intercessão e cuidado contínuo.

Mais do que apenas prover materialmente, Jó evidencia preocupação com a integridade espiritual de sua família, assumindo responsabilidade ativa diante de Deus pela formação moral de seus filhos. Assim, ainda que de forma indireta, o relato reforça que a espiritualidade no lar não se limita ao ensino verbal, mas envolve práticas constantes de cuidado, intercessão e responsabilidade espiritual.

No Novo Testamento, o nascimento de João Batista também ocorre dentro de um ambiente familiar marcado pela fidelidade religiosa. O evangelho de Lucas descreve Zacarias e Isabel afirmando que “ambos eram justos diante de Deus, andando irrepreensivelmente em todos os mandamentos e preceitos do Senhor” (Lucas 1:6). Essa descrição evidencia que João Batista cresceu em um lar onde a fé não era apenas professada, mas vivida na prática cotidiana. Posteriormente, Lucas afirma que “o menino crescia e se fortalecia em espírito” (Lucas 1:80), sugerindo que seu desenvolvimento espiritual teve início ainda no ambiente familiar.

Outro exemplo relevante encontra-se na história de Samuel. O nascimento do profeta está diretamente ligado à oração e à consagração feitas por sua mãe, Ana, que prometeu dedicar o filho ao Senhor caso recebesse a bênção da maternidade (1 Samuel 1:27–28). O texto também indica que a família participava regularmente da adoração em Siló, conforme registrado: “Este homem subia da sua cidade de ano em ano a adorar e a sacrificar ao Senhor dos Exércitos, em Siló” (1 Samuel 1:3), revelando um ambiente familiar profundamente conectado à vida religiosa de Israel.

Ainda que Samuel posteriormente tenha sido entregue ao serviço no templo, sua formação espiritual teve início no ambiente doméstico, onde a fé era cultivada de forma intencional. A Escritura afirma que “o menino Samuel crescia diante do Senhor” (1 Samuel 2:26), indicando um processo contínuo de desenvolvimento espiritual que se inicia na infância e se fortalece ao longo da juventude.

A história de Moisés também apresenta elementos significativos relacionados ao papel da família. Nascido em um contexto de perseguição contra os hebreus, Moisés foi protegido por seus pais, Anrão e Joquebede, que o esconderam para preservá-lo da ordem de morte decretada por Faraó (Êxodo 2:1–3). O Novo Testamento reconhece esse ato como expressão de fé, ao afirmar que “pela fé Moisés, sendo nascido, foi escondido por seus pais durante três meses” (Hebreus 11:23). Dessa forma, observa-se que, mesmo sendo posteriormente criado na corte egípcia, a influência inicial de sua família foi determinante na preservação de sua identidade e formação espiritual.

Por fim, o Novo Testamento apresenta o caso de Timóteo como exemplo claro de transmissão da fé entre gerações no ambiente familiar. O apóstolo Paulo afirma que nele havia “uma fé sem fingimento, a qual primeiro habitou em tua avó Lóide e em tua mãe Eunice” (2 Timóteo 1:5). Além disso, Paulo recorda que Timóteo conhecia “desde a infância as Sagradas Escrituras” (2 Timóteo 3:15). Esses textos indicam que sua formação espiritual não ocorreu de forma espontânea, mas foi resultado de um processo contínuo de ensino e convivência no ambiente familiar. Mesmo em um contexto em que seu pai não compartilhava da mesma fé, a dedicação espiritual de sua mãe e de sua avó foi determinante para sua formação.

Observa-se, ainda, que a Escritura utiliza expressões semelhantes para descrever o crescimento espiritual de jovens que posteriormente exerceram papéis relevantes na história da fé. Sobre Samuel, afirma-se que “o menino crescia diante do Senhor” (1 Samuel 2:26); sobre João Batista, que “o menino crescia e se fortalecia em espírito” (Lucas 1:80); e sobre Jesus, que “crescia em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e dos homens” (Lucas 2:52). Essa recorrência sugere a existência de um padrão narrativo, no qual o desenvolvimento espiritual ocorre de forma progressiva ao longo da vida, especialmente em contextos familiares onde a fé é ensinada, vivida e transmitida.

Assim, mesmo quando os relatos bíblicos não descrevem de maneira detalhada o processo educativo no interior do lar, eles evidenciam que a formação espiritual de jovens líderes da fé frequentemente tem início no ambiente familiar, sendo fortalecida pela convivência, pelo exemplo e pela prática constante dos princípios bíblicos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo central compreender de que maneira os princípios bíblicos podem orientar a formação de jovens no contexto da família cristã, considerando também o papel complementar da igreja local nesse processo formativo. Partindo da constatação de uma crise contemporânea que atinge a juventude em dimensões emocionais, identitárias e espirituais, o estudo buscou articular dados da realidade atual com fundamentos teológicos, a fim de oferecer uma leitura integrada do problema e possíveis caminhos de restauração.

Inicialmente, evidenciou-se que a juventude contemporânea enfrenta desafios significativos relacionados à construção da identidade, à saúde mental e à definição de propósito de vida. Os dados apresentados, provenientes de instituições como OMS, UNICEF e IBGE, demonstraram que há um crescimento expressivo de quadros de ansiedade, depressão e insegurança entre adolescentes e jovens, associado, em grande medida, à fragilidade dos referenciais familiares e à influência intensa da cultura digital.

No desenvolvimento da pesquisa, verificou-se que a família ocupa papel central na formação humana, sendo apresentada nas Escrituras como instituição divina, responsável pela transmissão de valores, pela formação moral e pelo desenvolvimento espiritual das novas gerações. Textos como Deuteronômio 6:6–7, Provérbios 22:6 e Efésios 6:4 evidenciam que a educação dos filhos não é uma tarefa secundária, mas uma responsabilidade primária dos pais, exercida no cotidiano do lar por meio do ensino, do exemplo e da convivência.

Além disso, o estudo demonstrou que a missão formativa dos pais envolve não apenas a transmissão de conteúdos, mas a construção de uma identidade fundamentada em princípios como renúncia, disciplina e submissão a Deus. Esses elementos foram apresentados como essenciais para o desenvolvimento do caráter cristão, especialmente em um contexto cultural marcado pelo individualismo, pela relativização da verdade e pela busca por satisfação imediata.

A análise da crise da família moderna, à luz do livro de Juízes, permitiu compreender que a descontinuidade na transmissão da fé e dos valores gera impactos diretos nas gerações seguintes. A expressão bíblica “cada um fazia o

que parecia certo aos seus próprios olhos” (Juízes 21:25) revelou-se especialmente pertinente para interpretar a realidade contemporânea, na qual a ausência de referenciais sólidos contribui para a desorientação moral e espiritual da juventude.

No que se refere à juventude contemporânea, observou-se que a falta de orientação prática, aliada à cobrança excessiva por resultados, contribui para a formação de jovens inseguros, desmotivados e despreparados para lidar com os desafios da vida adulta. Essa realidade é agravada tanto pela ausência de acompanhamento familiar quanto pela fragilidade de processos de discipulado no contexto da igreja, o que reforça a necessidade de uma atuação mais intencional das instituições formadoras.

A pesquisa também evidenciou que a crise espiritual vivenciada por muitos jovens está diretamente relacionada à dificuldade de integrar fé e sofrimento. A ausência de uma compreensão bíblica adequada sobre a dor e os desafios da vida tem gerado confusão teológica, levando muitos jovens ao afastamento da fé. Nesse sentido, destacou-se a importância de uma espiritualidade equilibrada, que reconheça a realidade do sofrimento humano e ofereça fundamentos sólidos para enfrentá-lo.

Para atingir os objetivos propostos, a metodologia do trabalho concentrou-se na análise de famílias bíblicas que apresentam participação direta dos pais na formação espiritual, moral e prática dos jovens. A escolha desses núcleos familiares teve como finalidade examinar, nas narrativas bíblicas, de que maneira o convívio cotidiano, o ensino da Palavra, a disciplina, o exemplo dos pais e a vivência comunitária da fé contribuíram para o desenvolvimento espiritual das novas gerações.

Nesse sentido, foram analisados especialmente os contextos familiares de José e Maria na formação de Jesus, de Abraão, Sara e Isaque, da família de Zebedeu na trajetória de Tiago e João, além de exemplos como Timóteo, Samuel e João Batista. A partir desses relatos, buscou-se identificar elementos recorrentes relacionados à transmissão da fé, ao amadurecimento espiritual progressivo e à influência do ambiente familiar na construção da identidade religiosa dos jovens. Assim, a metodologia procurou estabelecer uma relação entre os princípios observados nas Escrituras e os desafios contemporâneos enfrentados pelas famílias cristãs na formação espiritual da juventude.

Por fim, conclui-se que a reconstrução da formação juvenil passa, necessariamente, pela restauração do papel da família e pelo fortalecimento da atuação da igreja como apoio pastoral. A prática do culto doméstico, o discipulado intencional e a vivência coerente da fé no cotidiano foram apresentados como elementos essenciais para a formação integral dos jovens.

Assim, reafirma-se que, quando a família assume sua responsabilidade formativa e a igreja atua de maneira complementar, torna-se possível construir uma juventude mais saudável, com identidade definida, propósito claro e maturidade espiritual

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. *Um em cinco jovens brasileiros de 15 a 29 anos não estuda nem trabalha*. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2024-03/um-em-cinco-jovens-brasileiros-de-15-29-anos-nao-estuda-nem-trabalha>. Acesso em: 5 abr. 2026.

ALEIXO, Heber. *Investindo na próxima geração*. Revista Homem Batista, ano 46, n. 184, Rio de Janeiro: Convicção Editora, 2024. Disponível em: <https://convencaobatista.com.br/sig/modulos/site/comunicacao/uploads/documentoDownloadSite/61710722319082024162610.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2026.

ALVES, Paulo. *Jovem também é igreja: princípios bíblicos para um ministério com juventude*. Belo Horizonte: Livraria e Editora CBM, 2023.

BÍBLIA. *Bíblia de Estudo Thompson*. Tradução de João Ferreira de Almeida – Revista e Corrigida (ARC). São Paulo: Editora Vida, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas no Brasil*. Revista Brasileira de Epidemiologia, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-549720240058>. Acesso em: 5 abr. 2026.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL (CGI.br). *TIC Kids Online investiga frequência do uso de plataformas digitais por crianças e adolescentes*. Disponível em: <https://www.cgi.br/noticia/releases/tic-kids-online-investiga-pela-primeira-vez-frequencia-do-uso-de-plataformas-digitais-por-criancas-e-adolescentes/>. Acesso em: 5 abr. 2026.

COMMON SENSE MEDIA. *Teens and pornography*. Disponível em: <https://www.commonsensemedia.org/research/teens-and-pornography>. Acesso em: 5 abr. 2026.

COMMON SENSE MEDIA. *The Common Sense Census: media use by tweens and teens*. Disponível em: https://www.commonsensemedia.org/sites/default/files/research/report/8-18-census-integrated-report-final-web_0.pdf. Acesso em: 5 abr. 2026.

DE ALMEIDA, Solange Cardoso de Abreu. *Palavra da coordenação editorial*. Revista Homem Batista, ano 46, n. 182, p. 5, Rio de Janeiro: Convicção Editora, 2024. Disponível em: <https://convencaobatista.com.br/sig/modulos/site/comunicacao/uploads/documentoDownloadSite/14506720023022024082349.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2026.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Saúde. *Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) 2019*. Disponível em: <https://saude.df.gov.br/documents/37101/0/pense+2019.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2026.

DORNAS, Laércio. *O evangelho dentro de casa*. Belo Horizonte: Livraria e Editora CBM, 2024.

ERIKSON, Erik. *Identity: youth and crisis*. New York: Norton, 1968.

FERREIRA, Sandro; PEREIRA, Aildes S.; SANTOS, César Timóteo de O. *On Edge: understanding the mental health of young people*. Harvard Graduate School of Education. Disponível em: <https://mcc.gse.harvard.edu/reports/on-edge>. Acesso em: 5 abr. 2026.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS (FGV). *Revista Brasileira de Economia*. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/bre/article/view/84954/83810>. Acesso em: 5 abr. 2026.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). *Indicadores educacionais da educação básica 2024*. Brasília: INEP, 2024. Disponível em: <https://anuario.todospelaeducacao.org.br/2025/capitulo-4-ensino-medio.html> Acesso em: 5 abr. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo 2022: mulheres são responsáveis por mais da metade dos domicílios no Brasil*. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41663-censo-2022-em-12-anos-proporcao-de-mulheres-responsaveis-por-domicilios-avanca-e-se-equipara-a-de-homens>. Acesso em: 5 abr. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Indicadores educacionais avançam em 2024, mas atraso escolar aumenta*. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43699-indicadores-educacionais-avancam-em-2024-mas-atraso-escolar-aumenta>. Acesso em: 5 abr. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *PNAD Contínua*. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9173-pnad-continua.html>. Acesso em: 5 abr. 2026.

KROGER, Jane; MARTINUSSEN, Marcia; MARCIA, James E. *Identity status change during adolescence and young adulthood: a meta-analysis*. Journal of Adolescence, v. 33, p. 683–698, 2010.

LIÃO, Irineu de. *Against Heresies*. In: ROBERTS, Alexander; DONALDSON, James (org.). *Ante-Nicene Fathers*. Buffalo: Christian Literature Publishing, 1885. v. 1. Disponível em: <https://www.newadvent.org/fathers/0103222.htm>. Acesso em: 07 maio 2026.

LIFEWAY RESEARCH. *Most teenagers drop out of church as young adults*. Disponível em: <https://research.lifeway.com/2019/01/15/most-teenagers-drop-out-of-church-as-young-adults/>. Acesso em: 5 abr. 2026

LOPES, Matosalém da Rocha. *A importância da família na vida escolar dos filhos*. Revista Educação Cristã, Rio de Janeiro: Convenção Batista Brasileira, ano 32, n. 128, p. 5–8, 2024. Disponível em: <https://convencaobatista.com.br/sig/modulos/site/comunicacao/uploads/documentoDownloadSite/95130495616102024194606.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2026.

LUTERO, Martinho. *Da liberdade cristã*. 1520. Tradução de Leônidas Boutin e Heinz Soboll. In: _____. *Obras selecionadas: o programa da Reforma*. São Leopoldo: Editora Sinodal; Porto Alegre: Concórdia Editora, 1989. v. 2.

MARINHO, Darrell; MARINHO, Márcia. *Não crie seu filho para o mundo*. São Paulo: Ágape, 2020.

MARTINS FILHO, José. *A criança terceirizada: os descaminhos das relações familiares contemporâneas*. 6. ed. Campinas: Papius, 2012.

MAZZALLA, Marcos Antônio da C.; PEREIRA, Reinaldo Arruda. *Bases bíblicas*. Belo Horizonte: Livraria e Editora CBM, 2023.

OLIVEIRA, Edésio; FERREIRA, Nikolas; FERREIRA, Ruth. *Criando filhos para o amanhã*. Belo Horizonte: Thomas Nelson Brasil, 2022.

PUBMED. *Artigo científico*. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/18207096/>. Acesso em: 5 abr. 2026.

SANTOS, Mariana; SILVA, João; et al. *Saúde mental e fatores associados em adolescentes brasileiros*. Estudos de Psicologia (Campinas), 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202138e200012>. Acesso em: 5 abr. 2026.

SOUZA, Sócrates Oliveira de. *A importância da educação religiosa no fortalecimento da igreja e denominação*. Revista Homem Batista, ano 46, n. 182, p. 2–3, Rio de Janeiro: Convicção Editora, 2024. Disponível em: <https://convencaobatista.com.br/sig/modulos/site/comunicacao/uploads/documentoDownloadSite/14506720023022024082349.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2026.

UNESCO. *Relatório*. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000380128>. Acesso em: 5 abr. 2026.

UNICEF. *Adolescentes e jovens brasileiros estão mais otimistas quanto ao futuro do que os adultos*. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/adolescentes-e-jovens-brasileiros-estao-mais-otimistas-quanto-ao-futuro-do-que-os-adultos>. Acesso em: 5 abr. 2026.

UNICEF. *The State of the World's Children 2021*. Disponível em: <https://www.unicef.org/reports/state-worlds-children-2021>. Acesso em: 5 abr. 2026.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Adolescent mental health*. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/adolescent-mental-health>. Acesso em: 5 abr. 2026.